

26 POETAS
HOJE
antologia

26 POETAS

HOJE

antologia

6ª edição

Organização

Helôisa Buarque de Hollanda

Participam

Francisco Alvim

Carlos Saldanha

Antonio Carlos de Brito

Roberto Piva

Torquato Neto

José Carlos Capinam

Roberto Schwarz

Zulmira Ribeiro Tavares

Afonso Henriques Neto

Vera Pedrosa

Antonio Carlos Secchin

Flávio Aguiar

Ana Cristina Cesar

Geraldo Eduardo Carneiro

João Carlos Pádua

Luiz Olavo Fontes

Eudoro Augusto

Waly Sailormoon

Ricardo G. Ramos

Leomar Fróes

Isabel Câmara

Chacal

Charles

Bernardo Vilhena

Leila Miccolis

Adauto de Souza Santos



2007

Copyright © 1998 *poetas participantes da antologia ou herdeiros*

V789 26 poetas hoje
Organização de Heloisa Buarque de Hollanda
6ª ed. - Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2007.
272 p.; 11,5 X 18 cm.
I. Hollanda, Heloisa Buarque de, org. 1. Poesia
brasileira. 2. Antologia brasileira

ISBN 978-85-86579-04-2

Capa
Victor Burton

Projeto Gráfico
Cadu Gomes

Revisão
Andréia do Espírito Santo
Maria Guimarães
Shahira Mahmud A. Daoud

Todos os direitos reservados
Aeroplano Editora e Consultoria Ltda.
Av. Ataulfo de Paiva, 658 / sala 402
Leblon - Rio de Janeiro - RJ
CEP: 22440-030
Tel: (21) 2529-6974
Telefax: (21) 2239-7399
aeroplano@aeroplanoeditora.com.br
www.aeroplanoeditora.com.br

Apoio:
CNPq

Modéstia à parte

*Exagerado em matéria de ironia e em
matéria de matéria moderado*

Cacaso

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO <i>Helôisa Buarque de Hollanda</i>	9
FRANCISCO ALVIM	15
CARLOS SALDANHA	25
ANTONIO CARLOS DE BRITO	39
ROBERTO PIVA	48
TORQUATO NETO	60
JOSÉ CARLOS CAPINAN	69
ROBERTO SCHWARZ	85
ZULMIRA RIBEIRO TAVARES	93
AFONSO HENRIQUES NETO	109
VERA PEDROSA	118
ANTONIO CARLOS SECCHIN	127
FLÁVIO AGUIAR	133
ANA CRISTINA CESAR	139

GERALDO EDUARDO CARNEIRO	148
JOÃO CARLOS PÁDUA	156
LUIZ OLAVO FONTES	166
EUDORO AUGUSTO	173
WALY SAILORMOON	180
RICARDO G. RAMOS	186
LEOMAR FRÓES	200
ISABEL CÂMARA	209
CHACAL	217
CHARLES	230
BERNARDO VILHENA	236
LEILA MICCOLIS	242
ADAUTO	248
POSFÁCIO	256
TODOS OS POETAS	266

Curiosamente, hoje, o artigo do dia é poesia. Nos bares da moda, nas portas de teatro, nos lançamentos, livrinhos circulam e se esgotam com rapidez. Alguns são mimeografados, outros, em *offset*, mostram um trabalho gráfico sabido e diferenciado do que se vê no design industrializado das editoras comerciais. Mesas-redondas e artigos de imprensa discutem o acontecimento. O assunto começa – ainda que com alguma resistência – a ser ventilado nas universidades. Trata-se de um movimento literário ou de mais uma moda? E se for moda, foi a poesia que entrou na moda ou foram os poetas? O fato é que a poesia circula, o número de poetas aumenta dia-a-dia e as segundas edições já não são raras.

Frente ao bloqueio sistemático das editoras, um circuito paralelo de produção e distribuição independente vai se formando e conquistando um público jovem que não se confunde com o antigo leitor de poesia. Planejadas ou realizadas em colaboração direta com o autor, as edições apresentam uma face charmosa, afetiva e, portanto, particularmente funcional. Por outro lado, a participação do autor nas diversas etapas da produção e distribuição do livro determina, sem dúvida, um produto gráfico integrado, de imagem pessoalizada, o que sugere e ativa uma

situação mais próxima do diálogo do que a oferecida comumente na relação de compra e venda, tal como se realiza no âmbito editorial. A esse propósito, convém lembrar a tão freqüente presença do autor no ato da venda o que de certa forma recupera para a literatura o sentido de relação humana. A presença de uma linguagem informal, à primeira vista fácil, leve e engraçada e que fala da experiência vivida contribui ainda para encurtar a distância que separa o poeta e o leitor. Este, por sua vez, não se sente mais oprimido pela obrigação de ser um entendido para se aproximar da poesia.

A desierarquização do espaço nobre da poesia – tanto em seus aspectos materiais gráficos quanto no plano do discurso – faz lembrar a entrada em cena, nos idos de 60, de um gênero de música que, fazendo apelo tanto ao gosto culto quanto ao popular, conquistou a juventude universitária e ganhou seu lugar no quadro cultural. Foi a época dos Festivais da Canção e do Tropicalismo, do aparecimento de Caetano, Gil e Chico. Assim também, há uma poesia que desce agora da torre do prestígio literário e aparece com uma atuação que, restabelecendo o elo entre poesia e vida, restabelece o nexo entre poesia e público. Dentro da precariedade de seu alcance, esta poesia chega na rua, opondo-se à política cultural que sempre dificultou o acesso do público ao livro de literatura e ao sistema editorial que barra a veiculação de manifestações não legitimadas pela crítica oficial.

No plano específico da linguagem, a subversão dos padrões literários atualmente dominantes é evidente: faz-se clara a recusa tanto da literatura classicizante quanto

das correntes experimentais de vanguarda que, ortodoxamente, se impuseram de forma controladora e repressiva no nosso panorama literário.

Num recuo estratégico, os novos poetas voltam-se agora para o modernismo de 22, cujo desdobramento efetivo ainda não fora suficientemente perseguido. Nesse sentido, merece atenção a retomada da contribuição mais rica do modernismo brasileiro, ou seja, a incorporação poética do coloquial como fator de inovação e ruptura com o discurso nobre acadêmico.

Se em 22 o coloquial foi radicalizado na forma do poema-piada de efeito satírico, hoje se mostra irônico, ambíguo e com um sentido crítico alegórico mais circunstancial e independente de comprometimentos com um programa preestabelecido. O *flash* cotidiano e o corriqueiro muitas vezes irrompem no poema quase em estado bruto e parecem predominar sobre a elaboração literária da matéria vivenciada. O sentido da mescla trazida pela assimilação lírica da experiência direta ou da transcrição de sentimentos comuns freqüentemente traduz um dramático sentimento do mundo. Do mesmo modo, a poetização do relato, das técnicas cinematográficas e jornalísticas resulta em expressiva singularização crítica do real. Se agora a poesia se confunde com a vida, as possibilidades de sua linguagem naturalmente se desdobram e se diversificam na psicografia do absurdo cotidiano, na fragmentação de instantes aparentemente banais, passando pela anotação do momento político. Nesse último caso, é interessante observar como a atualização poética de circunstâncias políticas, experimentadas como fator de in

terferência e limitação da vivência cotidiana, se faz contundente e eficaz, diferenciando-se do exercício da poesia social de tipo missionário e esquemático. A frequência de metáforas de grande abstração convive com a agressão verbal e moral do palavrão e da pornografia. Nesta poesia, observe-se que o uso do baixo calão nem sempre resulta num efeito de choque, mas que, na maior parte das vezes, aparece como dialeto cotidiano naturalizado e, não raro, como desfecho lírico.

A aproximação entre poesia e vida já observada no modo de produção das edições é, pois, tematizada liricamente. O lucro decorrente se representa pelo seu desdobramento em dividendos como a volta da alegria, da força crítica do humor, da informalidade. Ao assumir, mesmo, um teor altamente afetivo, esta poesia se coloca em competição com o que permaneceu aprisionada pela linguagem rígida da tradição clássica.

Como bem observou José Guilherme Merquior, no ensaio *Capinan e a nova lírica*, a presença de João Cabral e do classicismo modernista, ainda que sem dúvida constituam o apogeu do modernismo, estimula e sufoca ao mesmo tempo a nova poesia brasileira.

Não que a influência de Cabral, Drummond ou Murilo nela não se faça sentir muitas vezes. Mas a sua feição vivencial determina uma postura que privilegia o pessoal, o afetivo, o que implica, conseqüentemente, o abandono da expressão intelectualizada. Não é por acaso que podemos perceber que ela é episodicamente freqüentada por traços bandeirianos e até mesmo românticos. Fundamentalmente, a nova poesia se caracteriza pela

renovação dos impulsos desclassicizantes do modernismo e pela atualização da recusa ao convencional.

Entretanto, a aparente facilidade de se fazer poesia hoje pode levar a sérios equívocos. Parte significativa da chamada produção marginal já mostra aspectos de diluição e de modismo, onde a problematização séria do cotidiano ou a mescla de estilos perde sua força de elemento transformador e formativo, constituindo-se em mero registro subjetivo sem maior valor simbólico e, portanto, poético.

Esta mostra de poemas não foi feita sem arbitrariedade. Como a circulação da maior parte das edições é geograficamente limitada e se confina às suas áreas de produção, não escolhi senão entre os trabalhos que estavam ao alcance de meu conhecimento. Assim, a grande maioria dos poetas apresentados são residentes ou publicados no Rio de Janeiro.

Além dos limites naturais e geográficos, outras restrições foram feitas. Como princípio, não quis que esta antologia fosse o panorama da produção poética atual, mas a reunião de alguns dos resultados reais significativos de uma poesia que se anuncia já com grande força e que, assim registrada, melhor se oferece a uma reflexão crítica. Portanto, as correntes experimentais, as tendências formalistas e as obras já reconhecidas não encontrariam aqui seu lugar. O que orientou a escolha e identifica o conjunto selecionado foi a já referida recuperação do coloquial numa determinada dicção poética. Entretanto, como o fato é novo e polêmico e a discussão apenas se inicia, achei mais justo não me restringir apenas à chamada poesia marginal, que integra parte substancial da sele-

ção, mas estendê-la a outros poetas que, de forma diferenciada e independente, percorrem o mesmo caminho. É o caso da inclusão de trabalhos como os de Capinan, Zulmira, Secchin e outros, que respondem de modo pessoal e curioso à filiação cabralina ou a fases significativas da evolução modernista.

Nomes como Torquato, e Waly, que, em 72, publicou *Me Segura Q'Eu Vou Dar Um Troço*, mesmo não estando presentes, no momento, foram indispensáveis nesta antologia, na medida em que marcam a virada do formalismo experimental para a nova produção poética de caráter informal.

A seleção realizada não registra apenas uma tendência de renovação na poesia de hoje mas, também, procura sugerir alguns confrontos entre as várias saídas que ela adotou.

Heloisa Buarque de Hollanda
Rio de Janeiro, novembro de 1975

FRANCISCO ALVIM

MUITO OBRIGADO

Ao entrar na sala
cumprimentei-o com três palavras
boa tarde senhor
Sentei-me defronte dele
(como me pediu que fizesse)
Bonita vista
pena que nunca a aviste
Colhendo meu sangue: a agulha
enfiada na ponta do dedo
vai procurar a veia quase no sovaco
Discutir o assunto
fume do meu cigarro
deixa experimentar o seu
(Quanto ganhará este sujeito)
Blazer, roseta, o país voltando-lhe
no hábito do anel profissional
Afinal, meu velho, são trinta anos
hoje como ontem ao meio-dia
Uma cópia deste documento
que lhe confio em amizade
Sua experiência nos pode ser muito útil
não é incômodo algum
volte quando quiser

O RISO AMARELO DO MEDO

Brandindo um espadim
do melhor aço de Toledo
ele irrompeu pela Academia
Cabeças rolam por toda parte
é preciso defender o pão de nossos filhos
respeitar a autoridade
O atualíssimo evangelho dos discursos
diz que um deus nos fez desiguais

GRETA

Estou vivendo meus grandes dias
O Império terá sido mesmo
uma fazenda modesta e ordenada mas sem povo
Aqui, penteando este carço de manga
sobre o mármore da pia da cozinha,
me lembro daquela mangueira ao lado do curral
e de suas mangas-rosa
Para chegar até lá
a gente atravessava antes um pátio de pedras –
entre o curral e a casa
em cujas gretas um dia
alguém viu desaparecer uma urutu cruzeiro

POSTULANDO

A primeira providência
é ver se há um cargo
Se tiver, ele há de querer entrevistá-lo
Ao meio-dia o candidato estará aqui
o senhor querendo
ficarei também para recebê-lo
O telegrama dizia porque meu nome não fora aprovado
razões de segurança, denúncia de um amigo
que virou meu inimigo
Foram corretos comigo
deixaram-me ver o telegrama
Não entendi
Dois meses antes me haviam chamado de volta
para responder a inquérito
Saí limpo
Ainda comentaram
passou no exame, meu velho
É bom que você saiba
que tenho de fazer a consulta
Um dia desses por que não saímos?

REVOLUÇÃO

Antes da revolução eu era professor
Com ela veio a demissão da Universidade
Passei a cobrar posições, de mim e dos outros
(meus pais eram marxistas)
Melhorei nisso –
hoje já não me maltrato
nem a ninguém

ALMOÇO

Sim senhor doutor, o que vai ser?
Um filé-mignon, um filezinho, com salada de batatas
Não: salada de tomates
E o que vai beber o meu patrão?
Uma Caxambu

QUEM FALA

Está de malas prontas?
Aproveite bastante
Leia jornais; não ouça rádio de jeito nenhum
Tudo de bom
Não volte nunca

AQUELA TARDE

Disseram-me que ele morrera na véspera.
Fora preso, torturado. Morreu no Hospital do Exército.
O enterro seria naquela tarde.
(Um padre escolheu um lugar de tribuno.
Parecia que ia falar. Não falou.
A mãe e a irmã choravam.)

EU TOCO PRATOS

À minha esquerda
violas ondulam um areal imenso
À minha direita
ossos de baleia cavucam as cáries do ar
Maestro e pianista desfecham o último ofício:
vai terminar o expediente
Na platéia um fole arqueja

ORDENHA

Os dedos flácidos
acompanham trôpegos
o embate da testa
Ordenham esta idéia
e mais aquela outra
espremem bem a teta
Longe o telefone
acorda um latido –
o bastante afinal
para que a córnea escorra
sobre a fronha

LEOPOLDO

Minha namorada cocainômana
me procura nas madrugadas
para dizer que me ama
Fico olhando as olheiras dela
(tão escuras quanto a noite lá fora)
onde escondo minha paixão
Quando nos amamos
peço que me bata
me maltrate fundo
pois amo demais meu amor
e as manhãs empalidecem rápido

UMA CIDADE

Com gula autofágica devoro a tarde
em que gestos antigos me modelaram
Há muito, extinto o olhar por descaso da retina,
vejo-me no que sou:
Arquitetura desolada –
restos de estômago e maxilar
com que devoro o tempo
e me devoro

COM ANSIEDADE

Os dias passam ao lado
o sol passa ao lado
de quem desceu as escadas

Nas varandas tremula
o azul de um céu redondo, distante

Quem tem janelas
que fique a espiar o mundo

PÁSSAROS QUE SÃO PEDRAS

O outono cobre de folhas
a relva úmida e as poças no diminuto anfiteatro
Na lembrança descobre
revoada de pássaros numa tarde estival
a meio caminho de Assisi
Asas discêntricas abrindo o ar
como pedras um lago

LUZ

Em cima da cômoda
uma lata, dois jarros, alguns objetos
entre eles três antigas estampas
Na mesa duas toalhas dobradas
uma verde, outra azul
um lençol também dobrado livros chaveiro
Sob o braço esquerdo
um caderno de capa preta
Em frente uma cama
cuja cabeceira, abriu-se numa grande fenda
Na parede alguns quadros

Um relógio, um copo.

HORA

Ar azul
ave em vôo
árvore verde do tempo.
No açude
onde mergulham sombras
dois rostos (do pai, da filha)
tremulam

Encostei meu ombro naquele céu curvo e terno
No lago as estrelas molhavam-se
Sussurravam que meu abraço
contivera a terra inteira e os ares

Minha voz escuta tua voz
dentro de meu corpo teu corpo
árvores
molhando meu sangue
me abre

UM HOMEM

De regresso ao mundo e a meu corpo
As estradas já não anoitecem à sombra de meus gestos
nem meu rastro lhes imprime qualquer destino
Sou a água em cuja pele os astros se detêm
A pedra que conforma o bojo das montanhas
O vôo dos ares

CARLOS SALDANHA

Coessarte tradicional!...
Mas qual...

O POETA PRAS CADEIRAS

O poeta cumprimenta o seu público,
As cadeiras que não podem
sequer dar-lhe uma salva de palmas:
que têm braços, têm pés,
mas não têm mãos a medir
Na admiração contumaz

Pra dar ânimo, enfim
Que ânimo infusa, ninguém
por certo João Limão
se está querendo ser;
Mas afinal algum interesse
Mínimo que se desperte



XIII
PESQUISA UTILITÁRIA

De cem favoritos reais
noventa e seis foram guilhotinados.
É preciso conversar atentamente
com os quatro que sobraram...

PAISAGEM COM MOVIMENTAÇÃO

Um pato deslizando
em lago oval e roxo
Ao crepúsculo
onde meninas
dançam Chopin

Ou era só um carimbo?

DE BINÓCULO

Abaixando o copázio
Empunhando o espadim
Levantando o corpanzil
Indiferente ao poviléu
O homenzarrão abriu a bocarra
fitando admirado
a naviarra do capitorra



SONATINA ITALIANA

A donzela órfã
Seduzida e abandonada
Soluça na neve.

O velho sabujo
De cartola de veludo
Olha de longe...
E gargalha.

Foi ele que a desgraçou.
Mas bêbado e cético
Pouco se importa.
E gargalha: Ah Ah Ah...

SAPIENCIAL SATURNO

O Supercilioso Valete de Copas
achou refrutável
o solipsismo de Saturno
“Pois se só houvesse o vosso eu
Como ireis comer
os de vossos filhos?”

O sapiencial velho
çoçando-se as barbas
fazendo nogangas
obliterar procurava
o obnócio sorriso:
“Justamente... Justamente...”



OS FILÓSOFOS

Ante o empolgamento
que foi galvanizando
sucessivamente
os frades copistas,
os geômetras,
os astrônomos,
os pálidos almirantes core suas lunetas,
os monarcas augustos com suas esferas armilares,
e os tabeliões

Ante as maravilhas da Ciência
e do Progresso Tecnológico,
Aconteceu que
os filósofos, pouco a pouco,
com suas idéias vagas,
suas caraminholas na cabeça,
um após outro,
entre chacotas mal disfarçadas,
foram sendo jogados ao mar,
tichipum, tichipum,
por cima do parapeito do convés
do Barco do Conhecimento
que navega por mares ignotos,
levando à proa
a orgulhosa máscara
de Francis Bacon...

Cuidado, Capitão,
Cuidado...

INVOCAÇÃO

Prestai-me vossas oiças,
Oh Grandes Monarcas,
Presidentes da República,
e outros Chefes Supremos
Que dítai os destinos da Humanidade
da magnificência de vossos palácios
e de vossos austeros gabinetes...
Napoleão, quando tinha
que saldar diferenças,
algum tira-teima mais brabo,
alguma pinimba com o Rei da Prússia,
ou com o Tsar das Rússias, por exemplo,
Napoleão
vestia o chapéu de três bicos
montava no cavalinho branco
E lá ia ele
pacacá, pacacá,
À frente da turma,
pra dentro da fumaceira,
pra dentro do rolo,
do fura-bucho,
do arranca-toco,
e do pega-pra-capar...



O SOBERANO E O ASTRÓLOGO

O Soberano deve suspeitar de tudo.
E nem só o Soberano.
De um Astrólogo não se pode fazer nada.
De um Soberano tampouco.

Em todo o caso,
ao de coroa sempre se oferece
a botija de azeitonas.

O Soberano pode bancar a vítima.
O Astrólogo deve bancar o louco.

ZUM E METAFÍSICA

“Porque ó Venerável, existe o mal?”
Indaga o ressentido Bacamarte.

“Eu é que sei?”, brada Malaquias,
“Porque não é o mundo
em forma de livro,
com ilustrações sem sépia,
ou hachurado grosso,
ou escrito em papel de arroz?
Enfim, vamos parar
com perguntas tolas
e vá me buscar uma cerveja”.



O MILIONÁRIO E O ZUM

“Eu vim buscar a verdade do Zum”
Fala o milionário
de dentro do Impalla
para o monje sentado
de pernas cruzadas.

“Porque procuras tal coisa aqui?”
Sermoneia o sábio Malaquias
“Porque ficas a mandriar
de automóvel
do mosteiro à volta”
(o monje ri à socapa)
“e esqueces o tesouro
na tua própria casa?”

Malaquias levanta-se, cada mão
escondida
na manga oposta do quimono secular;
e segue falando:
“Nada tenho a te oferecer”.



SHEN HSIU

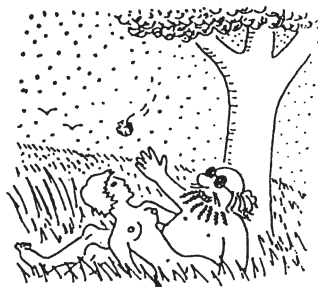
Havia um monje
Que lustrava a careca
Para que sua cabeça
Fosse como se um espelho:
Refletisse tudo
E não guardasse nada.



MALAQUIAS MORITAKE

Uma florzinha ébria
Escorregando do ramo?

Era uma florzinha caindo.



A SABEDORIA DO VENERÁVEL

Um dia, indo à cidade,
Bacamarte encontra o Doutor Malaquias
Dormindo numa cabine telefônica.
“Que fazes aí, ó Sábio, dormindo
num lugar público e inadequado!”

Malaquias acorda furioso e brada:
“Cala-te, basbaque!
Em qualquer lugar
me sinto confortável
e com todas as pessoas também
Porque por mais que ande de Lisboa
pra Meca, de Cardiff pra Niterói,
nunca consigo sair de casa”.
E voltou a ressonar.



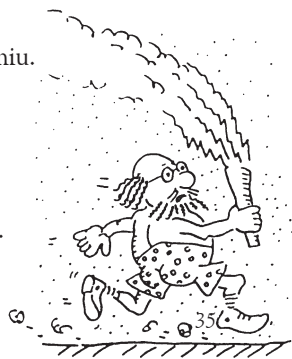
A ESCOLHA DO SUCESSOR

Uma tarde, Doutor Malaquias
chamou os discípulos:
“Vou fazer um teste para escolher
qual de vós será meu sucessor.
Vêde aquilo que coloquei no chão:
Não o chameis moringa,
mas dizei-me o que é”.

Badu veio e disse:
“Bem, não é só um naco de barro
Porque pode ir água dentro”.

Bacamarte veio e suspirou
“Que pena que eu não posso chamá-la
de moringa mesmo!...”

Mas Doutor Kopius, o erudito,
que estava escondido atrás
da cortina, surgiu correndo e
lascou o chute:
A moringa saiu voando,
Quebrou o vidro da janela, sumiu.
Malaquias olhou pro teutão
E disse:
“Se pensas que tua resposta
foi brilhante,
Estás redondamente enganado.
Vais é pagar o prejuízo”.



DUHKHA E A INTERPRETAÇÃO ZUM

Malaquias estava sentado,
de pernas cruzadas,
embaixo da árvore do quintal.
Bacamarte aproximou-se reverente
Acompanhado de
Doutor Kopus, o erudito.
Malaquias, como se em transe hipnótico
segue falando: “nascimento”
é duca, velhice é duca, morte
é duca, assim também
tristeza e alegria;
até mesmo tédio
é duca; estar ligado
ao que não se quer, ser separado
do que se quer, tudo o que se ama
é duca, é duca.
“Que quer dizer duka?”, indaga Baca,
“Não é duka, é duhkha
a palavra”, observa o Doutor Kopus,
“algumas vezes identificada
a Sofrimento
e outras a frustração
nas traduções ocidentais
dos textos budistas originais
qual esse que Malaquias
assaz imperfeitamente
está tentando repetir”.
Doutor Malaquias,

irritado com a interpretação
do conceituado
e impertinente sábio teutão
Interrompeu um pouco o êxtase
e disse:
“Não é nada disso. Ademais você
está pronunciando a palavra com
uma ortografia que não é Zum.
Duca quer dizer Ótimo”.



CAPITÃO GROGOJÓ

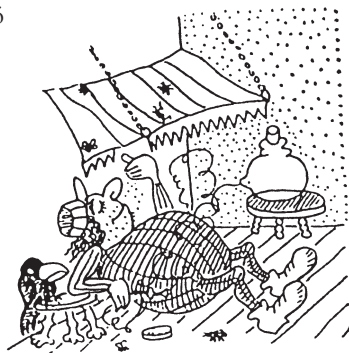
O tempo enfulijava
No céu impenitente
É de manhã no hemisfério...

Da ilha no esguelhão
Amarrado com cipó
O navio esgarabulhão
Do Capitão Grogojó
Jaz, todo cimério.

O capitão, vestido de malhó
borrifa as hortaliças
debaixo do japá,
Ao seu ombro, encarangado,
Um depenado jaó
Que só sabe dizer: Gó... Gó... Gó...

E assim vamos sempre encontrar
o bravo Capitão Grogojó
fumando narguilé,
enquanto pras narículas
de sua nariganga
Vai empurrando rapé.

Olé!...



ANTONIO CARLOS DE BRITO

GRUPO ESCOLAR

Sonhei com um general de ombros largos
que fedia
e que no sonho me apontava a poesia
enquanto um pássaro pensava suas penas
e já sem resistência resistia.
O general acordou e eu que sonhava
face a face deslizei à dura via
vi seus olhos que tremiam, ombros largos,
vi seu queixo modelado a esquadria
vi que o tempo galopando evaporava
(deu pra ver qual a sua dinastia)
mas em tempo fixei no firmamento
esta imagem que rebenta em ponta fria:
poesia, esta química perversa,
este arco que desvela e me repõe
nestes tempos de alquimia.

AQUARELA

O corpo no cavalete
é um pássaro que agoniza
exausto do próprio grito.
As vísceras vasculhadas
principiam a contagem
regressiva.
No assoalho o sangue
se decompõe em matizes
que a brisa beija e balança:
o verde – de nossas matas
o amarelo – de nosso ouro
o azul – de nosso céu
o branco o negro o negro

HÁ UMA GOTA DE SANGUE NO CARTÃO-POSTAL

eu sou manhoso eu sou brasileiro
finjo que vou mas não vou minha janela é
a moldura do luar do sertão
a verde mata nos olhos verdes da mulata

sou brasileiro e manhoso por isso dentro
da noite e de meu quarto fico cismando na beira
[de um rio
na imensa solidão de latidos e araras
lívido
de medo e de amor

JOGOS FLORAIS

I

Minha terra tem palmeiras
onde canta o tico-tico.
Enquanto isso o sabiá
vive comendo o meu fubá.

Ficou moderno o Brasil
ficou moderno o milagre:
a água já não vira vinho,
vira direto vinagre.

JOGOS FLORAIS

II

Minha terra tem Palmares
memória cala-te já.
Peço licença poética
Belém capital Pará.

Bem, meus prezados senhores
dado o avançado da hora
errata e efeitos do vinho
o poeta sai de fininho.

(será mesmo com dois esses
que se escreve paçarinho?)

REFLEXO CONDICIONADO

pense rápido:
Produto Interno Bruto
ou
brutal produto interno
?

VIDA E OBRA

you sabe o que Kant dizia?
que se tudo desse certo no meio tambem
daria no fim dependendo da ideia que se
fizesse de começo
e depois – para ilustrar – saiu dançando um
foxtrote

E COM VOCÊS A MODERNIDADE

Meu verso é profundamente romântico.
Choram cavaquinhos luares se derramam e vai
por aí a longa sombra de rumores e ciganos.

Ai que saudade que tenho de meus negros verdes
anos!

BUSTO RENASCENTISTA

quem vê minha namorada vestida
nem de longe imagina o corpo que ela tem
sua barriga é a praça onde guerreiros se reconciliam
delicadamente seus seios narram façanhas inenarráveis
em versos como estes e quem
diria ser possuidora de tão belas omoplatas?

feliz de mim que freqüento amiúde e quando posso
a boceta dela

Jamais esquecerei as maneiras
de minha ex-namorada
remava rio acima com a leveza de quem
descia a favor da correnteza
seu sorriso confundia a direção dos cachorros
que viajam com as cabeças para o abismo
seu corpo jamais soube distinguir entre
a primavera e o outono

quando penso no futuro me transformo
no passado de minha ex-namorada

CAMINHO DA GÁVEA

O taxi pára na esquina e meu
coração está calcinado.
A paisagem é impecável no seu
espetáculo simétrico e lento. O sol cochila.
Do outro lado da rua e de mim
o mar deságua em si mesmo.

CINEMA MUDO

I

Um telegrama urgente
anuncia a bem-amada
para o século vindouro.
Arfando diante do espelho
principio
a pentear os cabelos.

O oceano se banha nas próprias águas.

ROBERTO PIVA

PRAÇA DA REPÚBLICA DOS MEUS SONHOS

A estátua de Álvares de Azevedo é devorada com
[paciência pela paisagem
de morfina
a praça leva pontes aplicadas no centro de seu corpo e
[crianças brincando
na Tarde de esterco
Praça da República dos meus Sonhos
onde tudo se fez febre e pombas crucificadas
onde beatificados vêm agitar as massas
onde García Lorca espera seu dentista
onde conquistamos a imensa desolação dos dias
[mais doces
os meninos tiveram seus testículos espetados pela
[multidão
lábios coagulam sem estardalhaço
os mictórios tomam um lugar na luz
e os coqueiros se fixam onde o vento desarruma
[os cabelos
Delirium Tremens diante do Paraíso bundas glabras
[sexos de papel
anjos deitados nos canteiros cobertos de cal água
[fumegante nas

privadas cérebros sulcados de acenos
os veterinários passam lentos lendo Dom Casmurro
há jovens pederastas embebidos em lilás
e putas com a noite passeando em torno de suas unhas
há uma gota de chuva na cabeleira abandonada
enquanto o sangue faz naufragar as corolas
Oh minhas visões lembranças de Rimbaud praça da
[República dos meus
Sonhos última sabedoria debruçada numa
[porta santa

A PIEDADE

Eu urrava nos poliedros da justiça meu momento
[abatido na extrema
paliçada
os professores falavam da vontade de dominar e da
[luta pela vida

as senhoras católicas são piedosas
os comunistas são piedosos
os comerciantes são piedosos
só eu não sou piedoso
se eu fosse piedoso meu sexo seria dócil e só se ergueria
aos sábados à noite
eu seria um bom filho meus colegas me chamariam
[cu-de-ferro e me
fariam perguntas por que navio bóia? por
que prego afunda?

eu deixaria proliferar uma úlcera e admiraria as
[estátuas de
fortes dentaduras
iria a bailes onde eu não poderia levar meus amigos
[pederastas ou barbudos
eu me universalizaria no senso comum e eles diriam
[que tenho
todas as virtudes
eu não sou piedoso
eu nunca poderei ser piedoso
meus olhos retinem e tingem-se de verde
Os arranha-céus de carniça se decompõem nos
[pavimentos
os adolescentes nas escolas bufam como cadelas
[asfixiadas
arcanjos de enxofre bombardeiam o horizonte através
[dos meus sonhos

POEMA DE NINAR PARA MIM E BRUEGEL

*“Ninguém ampara o cavaleiro
do mundo delirante”*

MURILO MENDES

Eu te ouço rugir para os documentos e as multidões
denunciando tua agonia as enfermeiras
[desarticuladas
A noite vibrava o rosto sobrenatural nos telhados
[manchados
Tua boca engolia o azul

Teu equilíbrio se desprendia nas vozes das alucinantes
madrugadas
Nas boites onde comias pickles e lias Santo Anselmo
nas desertas ferrovias
nas fotografias inacessíveis
nos topos umedecidos dos edifícios
nas bebedeiras de xerez sobre os túmulos

As leguminosas lamentavam-se chocando-se
[contra o vento
drogas davam movimento demais aos olhos
Saltimbancos de Picasso conhecendo-se numa viela
[maldita
e os ruídos agachavam-se nos meus olhos turbulentos
resta dizer uma, palavra sobre os roubos
enquanto os cardeais nos saturam de conselhos
[bem-aventurados
e a Virgem lava sua bunda imaculada na pia batismal

Rangem os dentes da memória
segredos públicos pulverizam-se em algum ponto
[da América
peixes entravados se sentam contra a noite
O parque Xangai é conquistado pela lua
adolescentes beijam-se no trem fantasma
sargentos se arredondam no palácio dos espelhos

Eu percorro todas as barracas
atropelando anjos da morte chupando sorvete
os fios telegráficos simplificam as enchentes e as secas

os telefones anunciam a dissolução de todas as coisas
a paisagem racha-se de encontro com as almas
o vento sul sopra contra a solidão das janelas e as
gaiolas de carne crua
Eu abro os braços para as cinzentas alamedas de São Paulo
e como um escravo vou medindo a vacilante música
[das flâmulas

VISÃO DE SÃO PAULO À NOITE
POEMA ANTROPÓFAGO SOB NARCÓTICO

Na esquina da rua São Luíz uma procissão de mil pessoas
acende velas no meu crânio
há místicos falando bobagens ao coração das viúvas
e um silêncio de estrela partindo em vagon de luxo
fogo azul de gin e tapete colorindo a noite, amantes
chupando-se como raízes

Maldoror em taças de maré alta
na rua São Luíz o meu coração mastiga um trecho da
[minha vida
a cidade com chaminés crescendo, anjos engraxates com
[sua gíria
feroz na plena alegria das praças, meninas
[esfarrapadas
definitivamente fantásticas
há uma floresta de cobras verdes nos olhos do meu amigo
a lua não se apóia em nada
eu não me apóio em nada

sou ponte de granito sobre rodas de garagens subalternas
teorias simples fervem minha mente enlouquecida
há bancos verdes aplicados no corpo das praças
há um sino que não toca
há anjos de Rilke dando o cu nos mictórios
reino-vertigem glorificado
espectros vibrando espasmos

beijos ecoando numa abóbada de reflexos
torneiras tossindo, locomotivas uivando, adolescentes
[roucos

enlouquecidos na primeira infância
os malandros jogam ioiô na porta do Abismo
eu vejo Brama sentado em flor de lotus
Cristo roubando a caixa dos milagres
Chet Baker ganindo na vitrola

eu sinto o choque de todos os fios saindo pelas portas
partidas do meu cérebro
eu vejo putos putas patacos torres chumbo chapas chopps
vitrinas homens mulheres pederastas e crianças
[cruzam-se e
abrem-se em mim como lua gás rua árvores lua
[medrosos repuxos
colisão na ponte cego dormindo na vitrina do
[horror

disparo-me como uma tômbola
a cabeça afundando-se na garganta
chove sobre mim a minha vida inteira, sufoco ardo
[flutuo-me

nas tripas, meu amor, eu carrego teu grito como
[um tesouro afundado
quisera derramar sobre ti todo meu epiciclo de
[centopeias libertas
ânsia fúria de janelas olhos bocas abertas, torvelins de
[vergonha,
correrias de maconha em pique-niques flutuantes
vespas passeando em volta das minhas ânsias
meninos abandonados nus nas esquinas
angélicos vagabundos gritando entre as lojas e os templos
entre a solidão e o sangue, entre as colisões, o parto
e o Estrondo

VISÃO 1961

as mentes ficaram sonhando penduradas nos esqueletos
[de fósforo
invocando as coxas do primeiro amor brilhando
[como uma
flor de saliva
o frio dos lábios verdes deixou uma marca azul-clara
[debaixo do pálido
maxilar ainda desesperadamente fechado sobre o seu
[mágico vazio
marchas nômades através da vida noturna fazendo
[desaparecer o perfume
das velas e dos violinos que brota dos túmulos sob
[as nuvens de
chuva

fagulha de lua partida precipitava nos becos frenéticos onde
caftinas magras ajoelhadas no tapete tocando o
[trombone de vidro
da Loucura repartiam lascas de hóstias invisíveis

a náusea circulava nas galerias entre borboletas
[adiposas e
lábios de menina febril colados na vitrina onde
[almas coloridas
tinham 10% de desconto enquanto costureiros
arrancavam os ovários
dos manequins

minhas alucinações pendiam fora da alma protegidas por
[caixas de matéria
plástica eriçando o pêlo através das ruas iluminadas
[e nos arrebaldes
de lábios apodrecidos

na solidão de um comboio de maconha Mário de Andrade
[surge como um
Lótus colando sua boca no meu ouvido fitando as
[estrelas e o céu
que renascem nas caminhadas

noite profunda de cinemas iluminados e lâmpada azul da
[alma desarticulando
aos trambolhões pelas esquinas onde conheci
[os estranhos
visionários da Beleza

já é quinta-feira na avenida Rio Branco onde um enxame
[de harpias
vacilava com cabelos presos nos luminosos e minha
[imaginação
gritava no perpétuo impulso dos corpos encerrados pela
Noite

os banqueiros mandam aos comissários lindas caixas azuis
[de excrementos
secos enquanto um milhão de anjos em cólera gritam
[nas assembléias
de cinza OH cidade de lábios tristes e trêmulos onde
[encontrar
asilo na tua face?

no espaço de uma Tarde os moluscos engoliram suas mãos
em sua vida de Camomila nas vielas onde meninos
[dão o cu
e jogam malha e os papagaios morrem de Tédio nas
[cozinhas
engorduradas

a Bolsa de Valores e os Fonógrafos pintaram seus lábios com
[urtigas
sob o chapéu de prata do ditador Tacanho e o ferro
[e a borracha
verteram monstros inconcebíveis

ao sudoeste do teu sonho uma dúzia de anjos de pijama
[urinam com

transporte e em silêncio nos telefones nas portas nos
[capachos
das Catedrais sem Deus

imensos telegramas moribundos trocam entre si abraços e
[condolências
pendurando nos cabides de vento das maternidades
[um batalhão
de novos idiotas

os professores são máquinas de fezes conquistadas pelo
[Tempo invocando
em jejum de Vida as trombetas de
fogo de Apocalipse

afã irrisório de ossadas inchadas pela chuva e bomba H árvore
branca coberta de anjos e loucos adiando seus frutos
até o século futuro

meus êxtases não admitindo mais o calor das mãos e o brilho
platônico dos postes da rua Aurora comichando
[nos omoplatas
irreais do meu Delírio

arte culinária ensinada nos apopléticos vagões da Seriedade
[por

quinze mil perdidas almas sem rosto destrinchando
[barrigas
adolescentes numa Apoteose de intestinos

porres acabando lentamente nas alamedas de mendigos
[perdidos esperando
sangria diurna de olhos fundos e neblina enrolada na voz
exaurida na distância

cus de granito destruídos com estardalhaço nos subúrbios
[demoníacos pelo
cometa sem fé meditando beatamente nos púlpitos
[agonizantes

minhas tristezas quilometradas pela sensível persiana
[semi-aberta da
Pureza Estagnada e gargarejo de amêndoas
[emocionante nas palavras
cruzadas no olhar

as névoas enganadoras das maravilhas consumidas sobre
[o arco-íris
de Orfeu amortalhado despejavam um milhão de
[crianças atrás das
portas sofrendo

nos espelhos meninas desarticuladas pelos mitos
[recém-nascidos vagabundeavam
acompanhadas pelas pombas a serem fuziladas pelo
[veneno
da noite no coração seco do amor solar

meu pequeno Dostoievsky no último corrimão do
[ciclone de almofadas

furadas derrama sua cabeça e sua barba como um
[enxoval noturno
estende até o Mar

no exílio onde padeço angústia os muros invadem
[minha memória
atirada no Abismo e meus olhos meus manuscritos
[meus amores
pulam no Caos

TORQUATO NETO

VER

e deu-se que um dia eu o matei, por merecimento.
sou um homem desesperado andando à margem do rio
[parnaíba.

VIR

correndo sol a pino pela avenida

Agora não se fala mais
toda palavra guarda uma cidade
e qualquer gesto é o fim
do seu início;

Agora não se fala nada
e tudo é transparente em cada forma
qualquer palavra é um gesto
e em sua orla
os pássaros de sempre cantam
nos hospícios.

Você não tem que me dizer
o número de mundo deste mundo
não tem que me mostrar
a outra face
face ao fim de tudo:

só tem que me dizer
o nome da república do fundo
o sim do fim
do fim de tudo
e o tem do tempo vindo;

não tem que me mostrar
a outra mesma face ao outro mundo
não se fala, não é permitido:
mudar de idéia. é proibido.
não se permite nunca mais olhares
tensões de cismas crises e outros tempos.
está vetado qualquer movimento.

era um pacato cidadão de roupa clara
seu terno, sua gravata lhe caíam bem
seu nome, que eu me lembre, era ezequias
casado, vacinado e sem ninguém.
brasileiro e eleitor, seu ezequias
reservista de terceira e com família
três filhos, prestações e alguns livros

(enciclopédias e biografias).
era um pacato cidadão de roupa clara
era um homem de bem que eu conhecia
cumpria seus deveres, trabalhava
chegava cedo, em casa de madrugada
lutando pelo pão de cada dia.
era um pacato cidadão de roupa clara
e todo dia passava e me dizia
que o mundo estava andando muito mal
eu perguntava por que, eu perguntava
seu ezequias nunca me explicava
apenas repetia
lá dentro do seu puro tropical
este mundo vai seguindo muito mal
este mundo, meu filho, vai seguindo muito mal.
ah, seu ezequias!
que pena, que desastre, que tragédia
que coisa aconteceu naquele dia
seu ezequias, ah, seu ezequias
saiu do emprego e foi tomar cachaça
e apenas de manhã voltou pra casa
batendo na mulher, xingando os filhos
seu ezequias, ah, seu ezequias
era um pacato cidadão de roupa clara
era um homem de bem que eu conhecia
e agora é a vergonha da família.

MAKE LOVE, NOT BEDS OU É ISSO MESMO

FILHO de Kennedy não quer ser Kennedy
Deus os faz e os junta.
Amanhã em Tara eu pensarei nisso.
Pra o bom entendedor: meia palavra basta?
É disco que eu gosto?
Quem vem lá faça o favor de dizer por que é que vem.
Tem gente dando bandeira a meio pau.
Ninguém me ama, ninguém me chama, são coisas
[do passado (W.S.)
Quem sabe, sabe, conhece bem: gostoso gostar de alguém?
Vai começar a era de Aquarius. Prepare seu coração.
Ou não: dê um pulo do lado de fora.
Compre: Olhe. Vire. Mexa.
Você sempre me aparece com a mesma conversa mole.
Com o mesmo papo furado – só filmo planos gerais.
Sou feiticeiro de nascença/Trago o meu peito cruzado
A morte não é vingança/Orgulho não vale nada.
E atrás dessa reticência
Nada, ri-go-ro-sa-men-te nada
Boca calada, moscas voando, e tudo somente enquanto
Eu deixar. Enquanto eu estiver atento nada me
[acontecerá.
Um painel depois do outro e um sorriso de vampiro;
Eu me viro/como/posso me virar.
E agora corta essa – só quero saber do que pode dar certo
Mas hoje tenho muita pressa. Pressa! A gente se vê,
Na certa.

MAIS DESFRUTE, CURTA

- a) A virtude é a mãe do vício
conforme se sabe;
acabe logo comigo
ou se acabe.
- b) A virtude é o próprio vício
– conforme se sabe –
estão no fim, no início
da escada, Chave.
- c) Chuva da virtude, o vício,
é conforme se sabe;
e propriamente nela é que eu me ligo,
nem disco nem filme:
nada, amizade. Chuvas de
virtude:
chaves.
- d) amar-te/a morte/morrer.
há urubus no telhado e a carne seca
é servida: um escorpião
encravado
na sua própria ferida, não
escapa;
só escapo pela porta da saída.
- e) A virtude, a mãe do vício
como eu tenho vinte dedos,

ainda,
e ainda é cedo:
você olha nos meus olhos
mas não vê, se lembra?

- f) A virtude
mais o vício: início da
MINHA
transa. Início fácil, termino:
Deus é precipício,
durma,
e nem com Deus no hospício
(durma), o hospício é refúgio.
Fuja.

COGITO

eu sou como eu sou
pronomes
pessoal intransferível
do homem que iniciei
na medida do impossível

eu sou como eu sou
agora
sem grandes segredos dentes
sem novos segredos dentes
nesta hora

eu sou como eu sou
presente
desferrolhado indecente
feito um pedaço de mim

eu sou como eu sou
vidente
e vivo tranqüilamente
todas as horas do fim.

D'ENGENHO DE DENTRO

(excertos)

12/10

eu queria escrever sobre ana, mas ainda é cedo, eu não sei, não sei se posso e, finalmente, vejo que não quero. sobre a vinda de mamãe e papai até aqui, também não: falta qualquer novidade a esse respeito – a não ser que valha a pena anotar que reencontrar papai depois de três anos é como reencontrar um velho amigo que não via há três dias; e reencontrar mamãe depois de dois anos é como ser apresentado a alguém cujo nome, fama e aventuras eu já conhecia de sobra e que, portanto, me pareceu estranha, distante, mítica. mais ou menos assim. mas prefiro escrever sobre este lugar e minha vida dentro dele. a melhor sensação é a de reconquistar inteiramente o anonimato no contato diário com meus pares de hospício. posso gritar: “meu nome é torquato neto, etc., etc.”; do outro lado uma voz sem dentes dirá: meu nome é vitalino; e outra: o meu é atagahy!

aqui dentro só eu mesmo posso ter algum interesse: minhas aventuras, nem um pingo. meu nome podia ser, José da Silva – e de preferência, mas somente no que se refere a mim. a eles não interessa. O dr. Osvaldo não pode fugir. nem fingir: mas isso eu comecei a ver, de fato, logo mais quando teremos nossa primeira entrevista. o anonimato me assegura uma segurança incrível: já não preciso mais (pelo menos enquanto estiver aqui) liquidar meu nome e formar nova reputação como vinha fazendo sistematicamente como parte do processo autodestrutivo em que embarquei – e do qual, certamente, jamais me safarei por completo. mas sobre isso, prefiro dar mais tempo ao tempo: eu sou obrigado a acreditar no meu destino. (isso é outra conversa que só Rogério entenderia). tem um livro chamado: o hospício é Deus. eu queria ler esse livro. foi escrito, penso, neste mesmo sanatório. vou pedir a alguém para me conseguir esse livro.

13/10

eu: pronome pessoal e intransferível. viver: verbo transitório e transitivo, transável, conforme for. a prisão é um refúgio: é perigoso acostumar-se a ela. e o dr. Osvaldo? Não exclui a responsabilidade de optar, ou seja:?

20/10

É preciso não beber mais. Não é preciso sentir vontade de beber e não beber: é preciso não sentir vontade de beber. É preciso não dar de comer aos urubus. É preciso fechar para balanço e reabrir. É preciso não dar de comer aos uru-

bus. Nem esperanças aos urubus. É preciso sacudir a poeira. É preciso poder beber sem se oferecer em holocausto. É preciso. É preciso não morrer por enquanto. É preciso sobreviver para verificar. Não pensar mais na solidão de Rogério, e deixá-lo. É preciso não dar de comer aos urubus. É preciso enquanto é tempo não morrer na via pública.

4/4/71

Debaixo da tempestade
sou feiticeiro de nascença
atrás desta reticência
tenho o meu corpo cruzado
a morte não é vingança

7/4/71

- Foi um caminhão que passou. bateu na minha cabeça. aqui. isso aqui é péssimo, não me lembro de nada.
- Eles não deixam ninguém ficar em paz aqui dentro. são bestas. Não deixam a gente cortar a carne com faca mas dão gilete pra se fazer a barba.
- Pode me dar um cigarro? eu só tenho um maço, eu tenho que pedir porque senão acaba. Pode me dar as vinte.

JOSÉ CARLOS CAPINAN

ANIMA

Existe uma menina onde meu coração é doce.
Voz marítima selvagem eu guardo
o hálito da vítima o branco vestido e o traço
do rosto dramático, dela
do outro
e do meu um pedaço.

São colinas os cavalos
e todas as lagoas envenenadas de lua e sangue.
Eu quero morrer, como tenho medo
quero morrer me conhecendo como um touro indomável
Entre espadas e toureiro.

O meu destino partiu no expreso do meio-dia
e o meu consolo é amante da poesia.
Solitária atrás do muro a menina me acena e foge.
Seu nome escrito ninguém sabe
porque mente com o sentimento e a verdade.
Quando ela me deitar entre auroras
E começar o martírio da ausência eu
Serei apenas o sábio que chora eu
Serei apenas o resto da madrugada eu
Serei infecundo e o sapo que salta entre o inverno
e a demora de nada.

Aqui estão os arcanjos:
o nome dele, sacrifício; o meu, clemência.
Na multidão a demência se anuncia
E eu grito entre meu gesto e o precipício.
Por que não digo
E não exalto a vertigem?
Por que não digo
que a minha juventude se fecha atrás do refúgio
de um poema?

O verso não me faz chorar nem me leva
entre os parentes e o morto que me aguarda
com seus dentes perfilados entre as cadeiras da sala
Silenciosa.
Só longe um pássaro.
Só perto a boca da deusa morta.
E no quarto as ambições do sexo
e a demora.

Há alguém na varanda que passeia.
Alguém que me ama e incendeia
no passado.
Não posso viajar e obtê-la.
Tenho que esperar a colheita da memória
E a safra da miséria.
E quando possível encontrá-la.

Não quero me dizer que sofro
dormir doente a madrugada.
Meu nome ela escreve sem doçura.

E na sua letra se percebe exata
a imagem amarga de meu corpo.

Rios de carne me afogaram.
Escaparam do naufrágio a namorada muda,
o pássaro incendiado e torto.

Ah minha namorada que me esquece com a minha
[própria alma.

Se eu soubesse, me manteria simples
como a folha, como a seiva, nada mais que a natureza.
Entretanto, penso – contra mim exerço e compreendo
que só por pensar sei o meu fim.

Ai de mim que era terno. Ai de mim, que era o vento.
Agora sou quem me espera.
Agora sou quem me atormenta.

Agora que me ausento e ando lento pra bem mais
[longe de mim
flores, vejo bem claro, molhadas ao vento.
Daqui a um tempo rebentará e tudo será novo
menos para mim, que me despeço.

As flores não agüentam a presença da terra e
[arrebentam.

E eu não agüento morrer e me arrependo
(Ah ser apenas como as flores que só sabem nascer e
[morrer
e nada de sentimentos).

Há alguém na varanda que passeia
e não se detém.

É alguém para quem não sou.

É a noiva que passou no trem
Para quem a morte não vem.

Eu queria ser demente na varanda de meu pai
mijar nas flores, sorrir da lua como um louco
ou um cavalo.

E não saber a quem ponho fogo a quem recebo a quem falo

E não saber que adormeço

E não ter entre acordado e dormido os intervalos do sonho
sonhar sempre sem intervalo.

(Ah e não saber a quem esqueço)

E andar demente entre as visitas,

E andar dementes entre os acidentes

E andar demente entre as meninas que nos amaram.

Anda no passado o meu presente.

Do leito do acaso quero colher um amor amargo
ou obtê-lo no passado.

A menina que me conhece não me reclama.

Minha alma era mais vasta que a cama em que se

[deita

mas meu corpo era mais largo que a alma que rejeita.

Assim nossa dimensão é absurda

se mede na proporção da perda.

Espero que alguém entenda tudo

E quando eu passar não me esqueça.

Nem esqueça que um sentimento mudo é absurdo

E muito mais absurdo um ato que não se entenda

E que alguém pereça mudo porque fez como linguagem
a própria natureza.

Atrás de Deus está o espaço em que suas mãos tateiam.
Lá passeiam meus vícios.

No escuro da eternidade escrevemos, nos exercemos
Esperando que a mão pesada nos encontre e precipite
Nos tire do equilíbrio clandestino, atrás Dele.

Sobre a ponte três vultos me acompanham:
um reclama, um me chama, outro me ama.
Ameaçam os campos, lastimam a chuva
um se curva
e aponta o horizonte.

O que me ama
apenas ele me precipita da ponte
E nas capas de seu martírio se faz forte e se esconde.

Na queda só perco o nome dos vultos e o meu nome
E sou levado do suplício para novas fontes

Corre pelas ruas um vago rumor de asas
segue o poeta nas brumas

no seu hábito
calado

Colado no seu coração

um vagido um vago ai
ai de onça
um gemido
(ai da moça
que dê ouvido)

Nas ferozes sombras do muro

distingue formas o acaso

da chuva
do lápis infantil
do terror
sangue
e escarro

(não foi deus nem o poeta
nem acaso quem pôs a pedra)

– a cal a sombra o sarcasmo –
é tudo pintura moderna

Como me espanta o espanto
do homem que senta ao meu lado
Veste terno de engenheiro
E pânico funcionário

– E eu não leio O Marinheiro
poema quase dramático

Como se derrama um vaso
animo as salas mortas
que eu simplesmente trago
dentro de minha vida

Como se levanta um Lázaro
passo as noites que me passam
exercitando os pássaros
a circular sobre os mortos

– sussurros no assoalho
nem redivivos mortais nem seus fantasmas
ratos
são apenas os ratos
devorando as ilusões
a madeira podre
e o vazio da sala

COMPREENSÃO DE SANTO

Todos os santos têm o sexo amputado.

E cansados de suster a própria boca
maldizem a fome, enquanto comem.

(De gula, assaz e sempre, estarão salvos).

Sabem ótimo o benefício de dar-se
mas em ânsias de céu, erram as doações pelo ar.

(Em dar assim, mais se exercem, mais se guardam.)

O santo é só um ângulo do homem.

Como só vê de um lado, enviesado
anda em círculos, se perseguindo,
doida figura que nas costas procurasse o seu sentido.
todo.

(Buscando o ausente, em Deus, faz-se íntegro e pouco.)

O REBANHO E O HOMEM

O rebanho trafega com tranqüilidade o caminho:
é sempre uma surpresa ao rebanho que ele chegue
ao campo ou ao matadouro.

Nenhuma raiva
nenhuma esperança o rebanho leva,
pouco importa que a flor sucumba aos cascos
ou ainda que sobreviva.

Nenhuma pergunta o rebanho não diz:
até na sede ele é tranqüilo
até na guerra ele é mudo –
o rebanho não pronuncia,
usa a luz mas nunca explica a sua falta
usa o alimento sem nunca se perguntar.
Sobre o rebanho o sexo
que ele nunca explicava
e as fêmeas cobertas
recebem a fecundidade sem admiração.
A morte ele desconhece e a sua vida,
no rebanho não há companheiros
há cada corpo em si sem lucidez alguma.

O rebanho não vê a cara dos homens
aceita o caminho e vai escorrendo
num andar pesado sobre os campos.

FORMAÇÃO DE UM REINO
(E A COMPOSIÇÃO DO REI)

Cidadãos, eis o rei.
Cidadãos, eis a coroa.

Contaram a mim que um libertino
por azares e voltas do destino
encontrara às soltas
pelo caminho
numa nobre roupa.

Como estava cheio de tempo, resolveu
de troça
vestir a roupa.

Ao primeiro pastor tirou uma ovelha,
ao segundo pastor tirou uma orelha
e condenou ao terceiro

Com tais mostras de governo conseguiu
por em volta em poucas horas
numerosos servos.

Quando lhe parecera secar as obediências
se fez mais duro, maduro e agudo
como quem reina.

– Trazei vossas filhas, trouxeram.
Com gosto próprio e dedo hábil,
separou as virgens e as despiu, tranqüilamente sábio.

Ao pressentimento de que tremeria,
as vestiu de novo. E o povo ficou bobo com desprezo tão
[soberano.
O rei sorriu para si. Dentro, denso medo, mas por fora,
[era poder.

Com apenas um gesto desfez a multidão.
aos atropêlos correu as virgens ao canto mais fundo
[do escuro castelo
e lá pode ser usurário e fraco.

Acostumou-se e de novo as trouxe à multidão,
refeita com outro gesto.

Esta vez, seguro as despiu e possuiu.
corri um olho no gozo e outro no povo.

– Cidadãos, sou o rei.
– Cidadãos, sou o anjo.

Sim, só um santo tocaria as mulheres pondo tais distâncias,
com sua metade de homem em vigilância.

Depois desta prova, ele, separando a multidão com
[o dedo
foi até um menino e colheu seu pranto
alisou sua face e os seus cabelos.

Mas muito mais amado se tornou quando olhou o pai
[do menino

e lhe cobrou os quintos
e muito mais querido quando lhe arrancou os órgãos
[por castigo.

E sempre com seu dedo foi abrindo a multidão até uma
[jovem que o encarava

Sabia que a conhecia, mas fez-se de pouca memória,
lhe perguntou quem era e o que sofria.

– Sou Madalena, choro porque me desconheceu
[aquele
por quem me dupliquei e multipliquei para aquecer
e não me prefere quem outrora discursara loucuras
irrompendo despido entre minhas coxas sem qualquer
[astúcia.

O rei fez sinal de perdão e passou a mão pela cabeça
[da acusadora
A multidão entendeu que ele encontrara alguém que
[lhe pedia misericórdia.
e disseram: – Como é magnânimo o soberano.

O rei foi adiante.

Outra mulher rompia a multidão e gritava:

– Senhor, tende piedade de mim, que ainda não foi
[tocada.

– Senhor, meu marido não me basta.

– Senhor, apenas meu pai me teve.

O rei se continha para não sorrir ou se atirar a elas.

Dentro, sabia ter que matar o outro tempo.
Foi-se esforçando para cortar as pernas e cabeça do
[libertino
com a espada fazendo os cortes
até estar completamente operado.
Pedi trono e palácio,
ordenou os ventos, as navegações e quis literatura sobre ele.

E com astúcia foi voltando ao palácio
onde cada súplica se perdia num clamor indistinto
a que era mais fácil resistir.

Dá a pouco foi tido distinto, distante, divino.

II POETA E REALIDADE (DIDÁTICA)

A poesia é a lógica mais simples.
Isso surpreende
aos que esperam ser um gato
drama maior que o meu sapato
aos que esperam ser o meu sapato
drama tanto mais duro que andar descalço
e ainda aos que pensam não ser meu andar descalço
um modo calmo.

(Maior surpresa terão passado
os que julgam que me engano:
ah não sabem quanto quero o sapato

não sabem quanto trago de humano
nesse desespero escasso.

Não sabem mesmo o que falo
em teorema tão claro.

Como não se cansariam ao me buscar os passos
pois tenho os pés soltos e ando aos saltos
e, se me alcançassem, como se chocariam ao saber que faço
a lógica da verdade pelos pontos falsos.)

IV

POETA E REALIDADE (O POETA DE SI)

Vezes me surpreendo
com os olhos no céu,
admirado de hábitos
que julgava não ter.

Alguma estrela procuro
ou procuro a mim mesmo
com quem convivo
e desconheço?

(E faz o troco consigo
no jogo de seu enigma
entre ser e não ser que fosse
senão forma de elegia
por si, já desconhecido

pelos sentidos:
ser estranho, além de si,
como indivíduo.

E vezes pode se açoitar,
chorar-se e querer
com o mesmo gozo e desejo
com qual se açoita, chora e se quer

o diverso amante
Sendo o nenhum e o dobro de si ao mesmo instante).

V

POETA E REALIDADE (O DESISTENTE)

Vou tentar a desistência
vou sentar aqui
ficar sem ir
e esperar por mim que vem atrás

os frutos caem
o carro corre
o poeta morre
o mundo marcha para sua manhã
e a sinfonia não pára

– sendo fatalidade, fico aqui –
se em tudo existe a própria máquina
pouco acrescenta ir ou não ir

gritam
pulam
ficam eufóricos
 nunca práticos
 todos teóricos
abrem camisa arrancam gravata
dizem senões
perdem botões
e permanecem homens
. filhos da hora
 irmãos do momento

eu vou parar
que venha a noite

se vier com luz
amém

se vier escura
 amém

se vier mulher
bem, aí muito bem.

ROBERTO SCHWARZ

ULISSES

A esperança posta num bonito salário
corações veteranos

Este vale de lágrimas. Estes píncaros de merda.

O cidadão que vejo no espelho
é mais moço que eu
mais erigido que eu
mais infeliz que eu

JÁ JÁ

Luís Inácio Trella, é verdade. Não sei bem se quer escrever o ensaio que planejo escrever, ou se quer seduzir Alice. Se fico aqui ronronando, é certo que escreverá antes de mim. Se saio, entretanto, ocupará o meu lugar. Alice, como você atrapalha. Luís Inácio, conte lá o que anda fazendo. Ouvi dizer que tem projetos? Não? Modéstia sua, tenho certeza. Sente-se. Não quer nos fazer companhia? Aqui embaixo da mesa, é mais confortável. Não se incomode comigo; primeiro as visitas. Preciso sair um instantinho. Alice há de entretê-lo.

Não, não, não se incomode.

Vou à venda comprar cigarros. Não fumo, de modo que não vou também à venda. Acho que não volto mais para casa.

Fique lá o Luís Inácio, grudado.

SR.

Estripou a mulher querida
deixou a amada a ver navios.
Querida e amada então não
são a mesma? A que se quer e
a que se ama são duas. Nem
a querida e a que se quer são
a mesma, a primeira ninguém
sabe mais se quer, a segunda
também não. Mas por que, por que

não estripa a amada e deixa a
mulher querida a ver navios?
Fica vendo navios, que fe-
licidade, melhor deixá-
la à mulher querida, que já
sossegou, e merece ter
o que ver até que chegue a
velhice. E além do mais, como, como
deixar a amada viva?
Mas se amada e querida são
uma só, estripar é mostrar navios
melhor que mostrar navios só
que era cruel demais.

JURA

Vou me apegar muito a você
vou ser infeliz
vou lhe chatear

PRIMAVERA

Lá fora a boquirrota, a fraudulenta e festiva
Paris troca de pele pela enésima vez
e mostra à freguesia atônita os seus
múltiplos charmes catalogados.
Pela janela aberta entra o amor e se mistura
na luz do sol espalhada pelo quarto.
Alegre música muda.
O poeta ri porque está de pau duro.

CONVALESCENÇA

Hoje cedo saí para o jardim
um pouco de sol, brisa
na penugem do antebraço
estou barrigudo como na infância
por causa da perna quebrada
cadeiras de lona amarela e vermelha
a poucos passos o portão
em surdina
ligeira passa a felicidade pelas minhas
pernas trêmulas e o súbito, embargado
soluçante desejo de viver
os automóveis parados dos dois lados da rua
o céu coberto
a despeito de tudo a beleza
quantos amigos presos
visto um casaco

MACUNAÍMA NOS AJUDE

Barriga de minha perna
onde estás?
na barriga do gorila

Dedos de minha mão
onde estão?
na barriga do gorila

Lobos de minha orelha
onde estais?
na barriga do gorila

Cabeça do meu pau?
na barriga do gorila

Meu alegre coração
onde estás?
na barriga do gorila

NÃO OLHE PARA TRÁS

Caiu no buraco
saiu de quatro
se arrastou um pouco
levantou dum pulo
disparou dez passos
riu para a galeria
caiu de quatro, como
um cavalo machucado
como um filho da puta
como água usada.

CONTO DE FADAS

O ratão transformara-se num príncipe encantado de pau duro.
A bocetinha falante de Cinderela babava pelos bigodes.

Um reputado economista afirma
que assim como veio
a ditadura vai.
Escuto maravilhado.

12 O ARMANDO É UMA BOA CABEÇA

Ele é excelente, efetivamente bastante bom
Acho maravilhosa a Luisinha
Não acho que ela seja fascista
Para mim foi-se o tempo,
De ler *Le Monde* e mexer a bunda
Você vai me achar boba
Mas não consigo me livrar
Dos sentimentos românticos
O nosso convívio rendia muito
Minha cuca está fundida
Caralho

INOXIDÁVEL

Escovou os dentes até que sangrassem. Parou de escovar quando começaram a sangrar. Não escove até que sangrem! Meus dentes sangram tão logo comece a escová-los. Antes, precisava escovar muito, agora é começar e já estão sangrando. Basta aproximar a escova e começam a sangrar. Às vezes penso numa escova mais mole, mas sei que mesmo um pincel de barba esfregando bastante, não faz menos efeito que o arame.

EMIGRAÇÃO 71

A mulher de um marinheiro trucidado conta ao pai de uma menina presa, aguardando julgamento, a depressão nervosa de um amigo comum, deputado federal, que agora vive no Chile. Será que o Allende vai dar certo... As chicrinhas vão pela sala, de mão em mão, há uma bandeja de bolo e outra de doce de leite. Lá fora, imensa e silenciosa, a dança fantástica do outono incendeia a tarde fria. O garoto brincando no tapete já nasceu em Paris. Aqui e ali o murmúrio é interrompido por uma expressão mais nortista. Um menino loiro, que participou no rapto dalgum embaixador, pede açúcar para pôr no chá. Na vitrola Caetano canta a sua versão da Asa Branca. Todos ficam quietos.

ZULMIRA RIBEIRO TAVARES

UM ESTADO MUITO INTERESSANTE

Conheço o meu país
no escuro – pelo tato.
E se me amarram as mãos nas costas
conheço pelo cheiro.
E se me tapam o nariz
ainda assim conheço o meu país
pelo que dele sobra
à minha volta.

Não conheço o meu país pela boca.
Não conheço o meu país pelos ouvidos.
Não conheço o meu país pelos olhos.

O que a boca solta o ouvido não encontra,
o papel não grava, o olho não recorta.

Conheço o meu país
mas não o conheço de dentro.
Também não o conheço de fora.
Conheço-o de lado.
Quer dizer que o conheço
sem relevo.

Muito curioso esse país rasante
como um vôo rasteiro.

Meu país bicho-de-concha
para dentro de sua casca
sem contorno.

Muito curioso esse país no escuro
sem local exato de pouso
para os dedos.

Muito curioso esse país de cheiros
sem apoio.

Muito curioso
e muito interessante.

O termo é este.

Um país interessante
é como uma mulher em estado interessante?

Uma mulher em estado interessante
sempre acaba
em trabalho de parto?

inevitavelmente? não há outra saída
além daquela prevista na barriga?

Um país muito barrigudo
é uma mulher inchada –
de basófia ou filhos?

A comparação não cabe, entre pessoas
estados, de corpo, alma
e federativos?

Ou cabe até demais?

É isto mesmo:
Tudo cabe em um país.
Ou não?

Como tirar a dúvida?
Por exclusão
do que primeiro?

estados? almas? pessoas?
o que fica? sobra? federação? filhos?

O que faço
se não controlo as respostas
pela boca; assobio?

Deixo passar em brancas nuvens
o que o olho não viu
se tinha cores?

Por que não me conformo
pelo meu país a gastar menos
a só usar uma narina e um dedo?

Por que o anseio
de vir a conhecer a raiz dos cheiros
relevos posição dos corpos mares rios
rotas ares esquadrias?

Tão sentimental vou indo
olhos de leitura sem legenda
e boca sem sentenças

indo estou voltando
ao ponto de partida

No escuro meu país é simples.
Dois sentidos bastam.
E sobram.

Sem nenhum sentido
meu país teria
a mais perfeita ordem.

TERMOS DE COMPARAÇÃO

São lidos por especialistas
um pequeno círculo
 ávido.

A avestruz é um bicho-raro.
O poeta uma ávis-trote.

A avestruz engole
 tudo: parafusos em princípio.
O poeta não
 digere uma
 única partícula.
 Tudo: fica-lhe atravessado.
no papel, para tanto
 estraçalha e regurgita –

 ei-la: a Arte!!

Com quantas letras escreve-se “destroço”?
e “pútrido”?
 com quantas, “estrutura”?

Para escrevê-las
com quantos dentes mastiga-se?
para romper certas palavras
o que se morde? o que sangra de início,
 a língua?
Mas quem morde a língua

é o arrependido,
o que se cala.

Por isso a avestruz
é o bicho cândido.
O poeta, o tão difícil.

Todo o mundo sabe que ela é simples.
Cada enciclopédia a determina.

Ninguém confunde
a localização das plumas
o bico contra o peito: direção na fuga

o parafuso dentro
do estômago.

Vamos devagar com os poetas.
Por que são aves?
Porque regulam o peso de seus braços
e conforme cismam – voam.

Ávis-trotes porque pulam
inesperadamente
e quebram os braços.

Lidos por um grupo ávido.
Por que ávido?
por que de especialistas?
por que lidos?

Porque: –

não engolem
nem recusam

porque atrapalha
o comum espetáculo circence
do parafuso descendo pelo esôfago
o seu engasgo, o seu espasmo.

Porque são

intrusos.
Não se aceitam ávis-trotes
nos circos – Não comem espadas
muito menos fogo.

Porque não se juntam
ao comum dos espectadores
na arquibancada

mansamente digerindo sobras.

Porque não têm país certo
assinalado no mapa
como sói acontecer às avestruzes.

Seu país é

Nenhures.

Terra de difícil acesso
sujeita tanto

aos roedores

quanto à ação
das irradiações atroz.

Em Nenhures
os acontecimentos desencadeiam-se fatais
ou, ao contrário, lúdicos.

Por exemplo em Nenhures
as unhas crescem
sozinhas do solo
simples para
beliscarem certas
zonas glúteas

É o cúmulo! – dizem todos –
É impensável!
Num país sujeito a irradiações
e à fatalidade
as unhas crescerem
e para isso!

Por isso os especialistas se interessam
Por isso sabem
São especialistas, por isso
poucos.

A ávis-trote
– nome científico, o vulgo a conhece por poeta –
também
é estudada nas escolas
fora do círculo.

Mais escassas fazem-se as respostas
a curiosidade nas crianças amaina-se
acalma-se, o poema: ovo choco muita vez
pois o poeta é fase histórica
não escapa –

raramente põe-se
como objeto de estudos.
De seu autor, pouco provável que se tenha
uma noção menos confusa.

O povo aclama a avestruz!
as plumas! ah!
a esplêndida
aventura audaz do parafuso!

CIRCUNVOLUÇÕES E INVÓLUCRO

Não tenho medo de ir à lua.
Vou
Volto
Continuo
dentro
da
cápsula.
Não sou astronauta
coisa nenhuma.
Sou
o único

remanescente
de uma
consciência
cheia
de nódoas? – Nunca.
De nós-pelas-costas.

MAIORIDADE DA MÃE

Aberta a porta da rua
por ela escaparam curiosas
crianças-criaturas-transeuntes
luminescentes tortas rebarbativas.

Gritaram pela porta aberta:
São suas
e da casa saem.
Não são minhas
não é meu o peso
que me escapa pela porta –
devolvi como resposta
como devolução definitiva.

O MIOLO DO SONHO E O DENTE DE ALHO

Quando percebi que os meus sonhos
não eram os sonhos dos meus sonhos
acordei estremunhada.

Ao verem meu rosto de sombra
Perguntaram:
Foi insônia?

Respondi:
Foi o contrário.

Ontem à noite ao invés de alhos
por temê-los no olfato
(afinal não sou uma rosa?)
decidi foi comer nuvens.
Conclusão?

Elas incharam.
E os comedores de alhos?
Não vêem o barulho que fazem
rindo às bandeiras soltas?

De que se riem? Das sombras?
A que rescendem? Não temem?

Não temeram o seu cheiro: transpiraram.
Não pegaram no sono: o soltaram.
Não perderam a cabeça: a ganharam.

MEIO METRO

Sou um homem pequeno:
meio metro de altura.
Mas caminho ereto:
sem quase exagero.
Por isso me julgam no caminho certo:
um homem simples:
pouca estatura; nenhum complexo.

Mas há engano de perspectiva.
Sou muito difícil:
apesar de pouco.
Tive início quando nasci.
E até hoje não me refiz:
o
ter começado no momento exato,
para os outros –
não para mim.
Para mim foi:
brusco.
Para os outros:
tácito.

Pronunciei as primeiras palavras
logo
as segundas.

Depois de muito esforço consegui
articular finalmente:
“mundo”.

Aí me deram as costas e disseram:

“ele já fala”.

Eu gritei.

Passaram-me uma pequena luz aconselharam:

“conta até cem”.

O sono não veio. Nunca veio.

Depois do número cem

contei os outros números.

Alguém me avisou:

“cuidado.

Tem o problema

da infinitude”.

Muito tarde.

Continuo,

dizendo números.

No intervalo entre os números,

falo.

É complicado. Confunde.

Faço uma pergunta simples e respondem:

“Não posso dizer de cabeça.

A soma é muito grande”.

E se insisto que se trata de palavras,

Retrucam:

“Mas elas são tão improváveis!”

Impossível somá-las: diluem-se.

Não sou compreendido. Nunca o fui.
Pedi sono e dois dedos de prosa
E recebi foi um impulso –
precipito-me
principalmente
depois que passei de cem.
“É um problema de disciplina”
insiste o médico da família.
“Feche os seus olhos e aguarde”.

“Não consigo” – respondo –
“Sinto cócegas”.

“Em que parte?”

A pergunta me ofende.
Todos sabem que sou casto.
Como posso eu conhecer o meu corpo
se a contagem me impede que pare
e respire fundo?

“É orgulho”
diz o padre.
“O infinito não é para o homem”.

Isto eu sei. Sempre o soube.
Desde o dia em que:
nascido de parto natural
bati de ponta cabeça/contra a vida –
sem artifício.

Mas não fui eu que a quis –
esta procura do longe.
Quiseram-na por mim os outros.
Escondidos.
Pergunto:
os outros que são
o mundo?
Estou só.
Nenhum laço.
Desatamento ao contrário.

O mundo
não corre o risco de vir ao mundo
(eu que corri)
pois que é o próprio.

Em decorrência não teme a vida.
Já que não veio,
(eu que a temo).
E ainda que vindo
Não poderia; nascido
Bater de ponta-cabeça

Pois que nunca está para baixo
Tampouco está para cima.
A cabeça além disso, lhe falta.
Outro argumento/de peso (ausente?)

Comigo é o oposto.
Ou estou com a cabeça de um lado

Ou estou com ela de outro.
(Será isto por causa da altura?
Se meio-metro é medida pouca
Ao menos que seja vária).

E se caio apesar de mínimo
Um tombo faz sempre barulho

Já o mundo...

Que enorme meu Deus
Que fácil

... É redondo!

AFONSO HENRIQUES NETO

UMA NOITE

o tio cuspiá pardais de cinco em cinco minutos.
esta grama de lágrimas forrando a alma inteira
(conforme se diz da jaula de nervos)
recebe os macios passos de toda a família
na casa evaporada

mais os vazios passos
de ela própria menina.

a avó puxava linhas de cor de dentro dos olhos.
uma gritaria de primos e bruxas escalava o vento
escalpelava a tempestade
pedaços de romã podre
no bolor e charco do tanque.

o pai conduzia a festa
como um barqueiro
puxando peixes mortos

nós
os irmãos
jogávamos no fogo
dentaduras pétalas tranças
fotografias cuspes aniversários

e sempre
uma canção
só cal e ossos
a mãe de nuvem parindo orquídeas no cimento.

TEXTO

*Oh espina clavada en el hueso
hasta que se oxiden los planetas*
FEDERICO GARCÍA LORCA

O texto, escura escama, pesadelo de eternidade,
máscara densa do universo vomitando.
O texto, mas não a energia que o pensou,
interrogando a simultaneidade absoluta.
Há uma esperança nas ruas, nas pedras, no acaso
de tudo, uma esperança, uma forma suspensa
entre o aparente e a essência, entre o que vemos
e a substância, uma esperança, uma certeza talvez
de que o rio não se dissolva no mar, de que
o ínfimo, o precário, a voz, a sombra,
o estalar das carnes na explosão
não se dispersem no todo, impensável medusa da inexistência.
Há uma luz qualquer sonhando integração, o suposto
destino dos ventos, das energias globais, a suposta
sabedoria com que o homem fecundou a crosta
envenenada do planeta, há uma luz qualquer
ensaaiando águas pensadas no eterno esvair-se,
abstrato expansionário, há uns olhos além
da frágil realidade, da terrível matança, da

cruel carnificina entre seres pestilentos aquém
da fronteira do sonho, um texto além do texto,
uma esperança talvez, enquanto somos e nos cumprimos,
enquanto somos e nos oxidamos, enquanto
somos e prosseguimos.

DAS UNHAS COTIDIANAS

Pulmões de petróleo e nicotina e rádio.
Nabos maduros
minas
abortadas.
Montanha primordial
minério dos automóveis intestinos de lata
de um morro havido
apocalipse de fatos.
Canções ardendo no subsolo
vazio labirinto das máquinas.
Beterrabas maduras
secaram-se sob
há um sol seco.
Apocalipse de fetos.
Imantadas televisões radares
colmeias do global acampamento
lá fora cá dentro
barbas e deserdados ossos da impostura
se condenam
confessionários de moscas.
Oh liberdade dos aptos

que papéis monstruosos
músculos das trucidadas árvores
circulam no empedrado vento
signos do nada ao nada?
Martelem os d(m)entes computadores tortos
oh tantos porcos suando.
Frutas: legumes: fumaça
podre mar zumbidor
por que lado consolar a bomba?
Sapatos no chão.
Jogo-os pela janela
(na rua, pulmões)
ligo o chuveiro
saio.

DOS OLHOS DO NÃO

se lhes derem Kennedy ou Krushev ou De Gaulle
não acreditem nesta única realidade
neste implacável colar de conchas de ar

se lhes derem os códigos os gestos as modas
não acreditem nesta enlatada realidade
nesta implacável aranha de invisíveis fios

se lhes derem a esperança o progresso a palavra
não acreditem na imposta realidade
na implacável engrenagem das hélices de vácuo

aprendam a olhar atrás do espelho
onde a história jamais penetra
a profunda história do não registrado
aprendam a procurar debaixo da pedra
a história do sangue evaporado
a história do anônimo desastre
aprendam a perguntar
por quem construiu a cidade
por quem cunhou o dinheiro
por quem mastigou a pólvora do canhão
para que as sílabas das leis fossem cuspidas
sobre as cabeças desses condenados ao silêncio

TORNO A REPETIR

o papel para sempre em branco.
entanto o poeta bebia o dia.
era um banco de jardim
mas a mariposa cuspiam luz e lua
as coisas passeavam.
papel branco de todas as palavras.
um ritual acima do anjo
acima do entendimento celestial
por isso todos viam
o poeta sonhar incólumes avenidas.
e as avenidas eram avenidas
não um gracejo de óleo inexistido.
o papel ou branco se ardia.
o poeta nem ao menos
ou desenhando o dia.

QUASE CINZA

eu sei onde ladram os ventos pelos ladrilhos
dos mistérios inexistentes.
eu sei de que matéria esta sensação de derrota
é feita, moldada, entre instrumentos de tortura
e pálpebras e espelhos amassados.
eu sei dos que falam no escuro a flauta da voz
das fábulas.
eu sei através do vídeo o vácuo do sangue atrás e além
da imagem, violentos planetas vomitando o drama.
eu sei as tartarugas infinitas,
os bodes expiatórios.
os lavabos cheios de unhas vivas.
a eternidade do gesto humano
morrendo no longo tombadilho.
sei das certezas e incertezas verdes.
sei do resumo de tudo dançando na chuva mais cotidiana.
só não sei do teu sorriso se diluindo em nuvem.
só não sei do teu corpo quase infantil
de mulher amanhecida.
só não sei do timbre de tua voz
entre borboletas e musgos fluindo do único verbo.
só não sei do opalescente rastro de teus pés
entre cachoeiras apagadas.
só não sei da galáxia a resumir vazia
o silêncio mortal de tua alma quebrada.
ai de mim
que eras ouro e breve.

POEMA

A paisagem não vale a pena.
Pesa dizê-lo assim tão duramente,
mas o que posso fazer contra os mascarados
que penetraram os altos muros
e agora coabitam os aposentos desolados?
Já não vale a pena a manhã.
Os embuçados chegaram em surdina
e foram destroçando todos os pilares,
todas as primaveras, as lúcidas esperanças,
vultos tão horrendos que paralisaram o dia.
A noite não significa mais nada.
As casas dormem e não significam nada.
O vento cortou-se em mil fatias de desespero.
Que dimensão canta além da treva,
a face repousada, os olhos claros?

NEM A MORTE

música das coisas suando em minha pele,
na noite humanizada da pele, o anjo cego,
o sol caolho, música, música de todos
os desesperos, de todas as azuis diabruras
e terríveis cósmicas gangrenas, o silêncio
de estrela, o branco tenso da cicatriz.
não quero enxugar o suor do morto.
não quero nunca mais sofrer a lenta
corrosão de minha tia na cama cheia

de farelos de câncer, oh jovem voz
antiga em corpo roído, pobre música
das coisas ditas sem resultado.

não quero pintar o lábio da morta.
vestir a nudez de ausência. dependurar
os brincos de lágrima. não quero o sal
amargo de crianças sangrando no fundo
palco de um teatro mais negro que a negra
composição de música navegando sem braços.

porquanto persigo a música que não sei.
pois sei pouco, três ou quatro poetas,
pedaços de sistemas filosóficos, restos de
programas televisados, poeira dos sonhos
nunca lembrados, um rádio na infância
e esta música a me esculpir no vago.

nem sei o cantor capaz de espantar
o bicho. ele me espia do corredor,
sorrio para ele, somos um, o vento
soca a porta, minha mulher ressona,
o homem é a extrema estrela desesperada,
estou calmo, não é preciso fazer nada, nem a morte.

VERA PEDROSA

THE PLOT THICKENS

Na carta à irmã
ele escreveu –
era sete de maio –
como via as folhas
escolhendo a direção
de se abaixarem
dançando
sob a chuva.
Fazem muito bem
em não permitir
– registrou –
um enterro cristão
aos suicidas
que só transitam
de uma morte a outra
num labirinto frio e azul.
Me abandonando
quero mesmo que
falecesse.
Se estava
tão deprimido
com o olho duro de araponga
como me contaram.

Escreveu-me dizendo
que faria um estrondo e o topo
do crânio seria
feito em mil pedaços
que se alojariam
com massa branca e cinza e sangue
nos ladrilhos da cozinha.
Estou te escrevendo
continuava a carta
da mesa onde janto,
um dia cheio de presságios
me lembrando
de como a gente olhava
as árvores
no jardim da viúva
da janela estreita
do quarto do avô
o velho sempre de chinelos
macios de couro marrom
o vento empurrando um galho
contra a batente.
Ah, Henrique, não posso
levantar a cabeça
que te vejo com rosto de morto,
as pálpebras vazias.
Tuas mãos são como plantas
que qualquer remuo
dobra
teu olhar flutua
onde olho.

SONHO DO VESTIDO VIOLETA

“Le reveur de la nuit ne peut énoncer un cogito”

Descobri o cadáver muito mais tarde
no meio de uma viagem.
Passava por regiões
de passado futuro
o trem atacado por índios atarefados
ruínas negras de megalópolis de concreto
E tendo achado o cadáver
soube que me haviam enterrado
com meu vestido de seda violeta
um vestido precioso anunciador
da precognição da morte.
Então determinei
que desencarnassem o cadáver
e enterrassem a ossada límpida, polida
numa cova de terra úmida
enquanto a multidão de índios
sem real perigo
cercava o cemitério
mas depois se dedicava à tarefa muito mais séria
de destroçar as vigas que sustentavam nosso teto.

CORTEJO

Tendo estado
toda uma tarde
ouvindo
um tempo branco
sentindo dedos de água
descidos da noite.
Figuras
surgem paralelas
como saídas agora
da cal da parede.
Ali onde a sombra joga
na brisa de outra água.
De perto,
a superfície do muro
pára:
distração.

FARS

Foi há tanto tempo e entre amores
decisivos
cataclismas
criações confinamentos jaulas
aeronaves
trens.
Foi antes das exposições de motivos.
Houve uma época
tão descansada em que
desde que se tivesse
uma janela em movimento
ele era imagem
deslizando ante folhas.
Se estendia embaixo de árvores
entrava em corredores
saía de portas.
Na areia ele era
as manhãs do desejo mais difuso.
Quando havia cinza no mar
era ele que estava
(de sueter)
na antepenumbra molhada.
Quando era noite
ele era quase raiva, na espera.
Doce e nu, sentado no banquete
numa horta de alfaces
sonhei com ele esta noite.

Não se ouvem mais o vozerio, as intermitências,
clamores ou batida de martelos, pregos,
alguém que lixa uma tábua.
Estou um instante só na sala.
Batalhei para fechar a janela.

FIM DE DIA

Quando choveu o ar está
com água pesando
e passam aves rápidas
manchas indecisas
sombras
concentração de névoa
e do alto se vê
o topo da árvore
e as flores laranjas
desse flamboyant
vibram com o movimento
acelerado
do esôfago ao estômago.
O dia desenrolou
vagaroso o tédio recolhido
armado
sob um prisma de cristal ao lado
de um paralelepípedo de vidro verde
sobre a mesa preta

com objetos de prata.
A noite se aproxima.
Você pediu chocolate
veio na bandeja
os biscoito meio moles.
Faz-se o gesto de afastar.
cinco jornais amarfanhados
de cima do pano claro do sofá.
Que fazer com a tomada solta
a lâmpada queimada
o passepartout amarelecido?

Sai se esgueira
pela sala adentro
pelo corredor
de onde volta
trazendo o leite do irmão
Fez um frio súbito
teve fome
como um gato
céu abaixo se despeja
uma água de chumbo

PARA LÍVIA

Pensar que tua avó
criou-se nessa chácara
(onde ao pé da
mangueira desenterraram uma vez
um caco)
com todos os córregos
e os brinquedos chegavam
da Europa numa mala.
Os pés de lichi o bisavô
mandara trazer da índia
(se dizia líxia).
Faz frio no jardim
descido da mata
(flanco que ilumina e
umedece
esse cansaço de retorno).
Onde tua tia-avó
delimitava áreas
de horror e solidão.
Pensar que passavam os dias
encolhidas
(embaixo dessas árvores)
em pontos de sombra.

EDIFÍCIO

Veio no cartão postal da ponte
aquela luz branca demais brumosa
e de repente me vi
diante. do mesmo edifício branco
corpos se separando
na maresia

ANTONIO CARLOS SECCHIN

TEMPO: SAÍDA & ENTRADA

No tempo de minha avó,
meu feijão era mais sério.
Havia um ou dois óculos
me espiando atrás
de molduras roídas.
Mas eu era feliz,
dentro da criança
o outono dançava
enquanto pulgas vadias
dividiam os óculos.

Dentro da criança,
as pulgas espivavam
o outono vazio,
dividiam minhas molduras
roídas por óculos vadios.
No tempo de meu feijão
minha avó era mais séria.

VER

O dia. Arcos da manhã
em nuvem. Riscos de luz
como vidros arriados.

O claro. A praia armada
entre a sintaxe do verde.

Áreas do ar. Aves
navegando as lajes
do azul.

INVENTÁRIO

um urso caolho
um piano antigo
seu silêncio de madeira
cheio de fugas pra brincar lá fora
passarinho morto na janela que nem um tambor quebrado

VISITA

O verso era um abraço salgado
que os peixes telegrafaram.
Era um cisne louco
bicando o amor.
Era o secreto frio
trancado na boca.
Era o tempo roendo os móveis,
os olhos, a conta de gás.

“O MEU CORPO SE ENTRELAÇA”

O meu corpo se entrelaça
ao suspiro, e gira e caça
no concreto de um soluço
essa pele decifrada
pelo espaço de meu sangue.
E com fúria e flama
não derrubo o que me abarca,
nem rebato à minha posse
as premissas do que sinto:
eu devoro o meu amor,
arbitrário como um cinco.

AVISO

desfiz noivado
vendo sem uso
almofadas soltas
jogo
mesinha mármore rosa
cama sofá arquinha.

Não, não era ainda a era da passagem
do nada ao nada, e do nada ao seu restante.
Viver era tanger o instante, era linguagem
de se inventar o visível, e era bastante.
Falar é tatear o nome do que se afasta.
Além da terra, há só o sonho de perdê-la.
Além do céu, o mesmo céu, que se alastra
num arquipélago de escuro e de estrela.

A FERNANDO PESSOA

Se é corrigir o que se foi,
e pensar o passado na garganta do amanhã.
É crisar o sono dos infantes,
com seus braços de inventar as buscas
em caminhos doidos e distantes.
É caminhar entre o porto e a lenda

de um tempo dardejado contra o mar.
Domar o leme das nuvens, onde mora
o mito e a glória de um Deus a naufragar.

Uma ovelha me ama de repente.
O seu sono é para o sêmem dos pastores,
que nela vão depondo com cuidado
seu suor, seus capins e seus amores.
Eu a tenho com vigor bem vagaroso,
e sua baba à minha boca se condena,
e tanto meu desejo não se esquiva
quanto mais o seu berreiro me acena.
Amante e amada em grama e gozo confundidos,
as espigas se envergonham, se vergando ao jogo aberto.
Permutamos nossa pele, confidências e ganidos,
e meu pênis se proclama nessa vulva que penetro.

Há um mar no mar que não me nada
e não se entorna em ser espuma ou coisa fria.
Me sinto cheio de palavra e de formato,
murado em mim sob a ciência desse dia.
Na sonância do que vive,
minha fala é desistência,
e dizer é corroer o que se esquiva,

reter a letra a cicatriz do som vazio.
Sou apenas quinze avos da loucura,
a dar um nome à ironia do que dura.

Uma palavra, outra mais, e eis um verso,
Doze sílabas a dizer coisa nenhuma.
Esforço, limo, devaneio e não impeço
Que este quarteto seja inútil como a espuma.

Agora é hora de ter mais seriedade,
Senão a musa me dará o não eterno.
Convoco a rima, que me ri da eternidade,
Calço-lhe os pés, lhe dou gravata e um novo terno.

Falar de amor, oh pastora, é o que eu queria,
Mas os fados já perseguem teu poeta,
Deixando apenas a promessa da poesia,
Matéria bruta que não cabe no terceto.
Se o deus frecheiro me jogasse a sua seta,
Eu tinha a chave pra trancar este soneto.

FLÁVIO AGUIAR

(minuano)

A chuva escorre na vidraça: na rua, o vento uiva.

E geme, na árvore dobrada.

Lembrança – o vento pertence ao campo.

Uma rês geme, vagabunda, gotejante: o vento

/a corta, como faca.

Estranha faca: gelo e água.

O vento nasce e morre no horizonte: o mundo

/é redondo.

E no entanto o tempo passa:

Do campo, o vento chega arrefecido na cidade.

Protegido no copo de conhaque, divirto-me

/como os desenhos abstratos

Que desenha em gotas na vidraça.

E no entanto o vento uiva, mesmo na cidade:

/tem presente seu passado

Mais estranho: o mundo é redondo, o vento

/nasce e morre no horizonte;

E sempre prossegue rumo ao norte.

OLHO PARA O PIO LUMINESCENTE
ENQUANTO A CHUVA ESCORRE NA VIDRAÇA
E NOS OFUSCA, TONTOS DE TANTA LUZ.
TUDO SE DEIXA VER MAIS CLARO:
CONTINUAMOS A CONTEMPLAR A SILENCIOSA NATAÇÃO
/DO OUTRO.
EM VERSOS, A VIDA COBRE O PÁTIO
/COM ESTÁTUAS BRANCAS
E ATRAVESSA A SALA, DEITANDO NA VITROLA.
NAVEGO SOLTO NA CORRENTE, RUMO
/AO ESQUECIMENTO VAGAROSO
DA LUTA, DO CARROSSEL, DO CIRCO INTEIRO.
DA JANELA, A AVE MIGRATÓRIA.

(pampa e circunstância)

Na janela, mágico, o desvio: nasce
/um raio de sol
E atravessa a sala, deitando na vitrola.
No desvão entre os caixilhos, a lembrança
/de coxilhas – o entardecer, vento
E campo, onde o olhar se horizontaliza.
A música desliza, queimando, garganta abaixo.
No disco, a voz flutua em círculos.
De par em par, a terra se esplina em pampa.
A terra aberta, coxas de mulher ao sol, entregue
/ao zumbido morno das cigarras.

ORATE FRATRES

No poço fundo do mundo
Encontrei minha bela irmã.
Aquele que nunca tive,
Aquele que não terei.

A vida se compra pronta,
O mundo roda sem festa.
Minha irmã tem cabelos longos
E traz um lunar na testa.

A beira do poço esquivo,
Hesito se pulo ou recuo.
No espelho claro e escuro
A lua a meus olhos uiva.

Eu quero que se cubra de geada
/tua roupa.
A luz é mais que o colorido
/e oculta a fantasia.
A verdade, nascendo,
/percorre o dia
Em tua face: gelo evaporado,
/enigma repostado.
E por outros rumos a história continua.

(velhice)

Minha avó atravessara o pampa de carreta
/cortando a cerração e a geada.
Em Rivera, seu pai servira cerveja de graça
/a tropas de algum caudilho
E eles diziam “agradece, alemão de merda,
/que te deixamos vivo”.
Ela chegou de barco a Porto Alegre.
Com tanto navio e mastro, a cidade parecia
/um circo de cavalinhos.
Ali era a rua do Arvoredo;
/hoje se chama Fernando Machado.
Minha avó não toma banho de chuveiro.
No inverno, põe um balde d’água no sol
/para esquentar um pouco.
E continua vivendo.

TENTEI TE DIZER O QUE SENTIA:
A COISA NA GARGANTA
ESPALMAVA MÃOS VERDES PARA O ALTO.

CORTANDO A CERRAÇÃO E A GEADA,
A RUA, RECÉM-ÚMIDA, SECAVA EM QUADRO:
MANHÃ DE OUTONO, QUANDO ERA INFÂNCIA.
JUNTOS, HOJE, SOMOS OUTROS.

CÓRDOBA, ARGENTINA

Estoy tan triste y lejano.
Nada extraño, todo es cotidiano...
Yo tengo ganas de morir.
Pero yo quería morir en Córdoba,
 /Córdoba, Argentina,
Donde uno muere por la mañana.
En otros tiempos los hombres morían en Madrid,
 /noche que noche nochera ya decía Lorca
Que se murió en Granada.
Hoy en Córdoba uno muere al empezar la mañana.
Pero no es necesario morir. Me gustaría vivir, vivir
 /en Córdoba, Argentina,
Para ver la mañana cambiar el rostro de hombres y mujeres
En murales sin miedo de su transparencia.
Yo me plantaría en la Plaza Central de Córdoba,
 /de Córdoba y del Continente
Lleno de vida y muerte tempranas, con el rostro
Quemado por la libertad, loca fantasía,
Riendo con las flores y hogueras
 /que nacen por las calles.

Às vezes é preciso abandonar o barco,
A luta, o carrossel, o circo inteiro,
E partir como ave migratória para o norte
Em busca de terras de verão e sol,
Mas quando isto for preciso
Que se faça com rosto limpo,
A face descoberta e voltada para a frente,
Que não haja mentiras nem tristeza.
Queimem-se as lembranças, quebrem-se
As garrafas; enterrem-se cinzas e cacos.
Seja-se até os ossos mais frágeis
Uma ave migratória: a volta existe
Mas é outra história, e não desculpa
A permanência no ponto de partida.

ANA CRISTINA CESAR

SIMULACRO DE UMA SOLIDÃO

30 de agosto

Hoje roí cinco unhas até o sabugo e encontrei no cinema, vendo Charles Chaplin e rindo às gargalhadas, de chinelos de couro, um menino claro. Usei a toalha alheia e fui ao ginecologista.

9 de setembro

Tornei a aparar os cachos. Lúcifer insiste em se dar mal comigo; não sei mais como manter a boa aparência. Minha amiguinha me devolveu a luva. Já recebi o montante.

28 de agosto

Dia de festa e temporal. Aniversário da Tatiana. Abrimos os armários de par em par. Não sei por que mas sempre que se comemora alguma coisa titio fica tão apoplético. Acho que secretamente ele quer que eu... (Não devia estar escrevendo isto aqui. Podem apanhar o caderno e descobrir tudo.)

5 de agosto

Ainda não consegui fazer filosofia, versos, ou colar retratos aqui.

30 de janeiro

Que nostalgia no ar, meu Deus! Hoje fui à casa da Ana levar um presentinho. Às vezes tenho a impressão de que esses presentinhos constantes são um embaraço. Eu se fosse dona da casa não permitiria certas coisas. Me dá um ennuui, eu fico enjoada de ver tanta ignorância. Como as pessoas se ignoram! Depois de todos esses meses Sérgio resolveu dar o ar de sua graça.

8 de julho

Nós estamos em plena decadência. Eu e você estamos em plena decadência. A nossa relação está em plena decadência. Quando duas pessoas chegam a se dizer isso tranqüilamente, é sinal de terra á vista. Nem tudo é um naufrágio na vida. Mas um dia eu ainda me afogo no álcool.

30 de novembro

Rita marcou hora comigo e não apareceu. Há muito tempo que eu não me sinto tão deprimida. Acho que vou ligar para a

9 de agosto

Primeira fotografia que deve entrar para o álbum: um entardecer primaveril no Parque da Cidade. Preciso comprar cola. Soube de fofocas em relação ao beijo de ontem. Como a Tatiana está obcecada com as suas fantasias! Eu também

começo a me sentir envolvida. Queria voltar ao atelier, leiloar tudo se necessário. Mas sentir as mãos livres, os passos soltos! Minha vida chega a um impasse.

10 de agosto

Estou lendo um manual de alemão prático. Tenho ido à praia. Vi o Joel de manhã, com a mulher dele.

8 de julho

Recomecei a ginástica. Hoje quase me matei antes do almoço. Fez um dia quente para a estação. Amanhã começo o estudo com os gêmeos. Apesar de tudo eu tenho restrições. Mas o que se há de fazer?

FLORES DO MAIS

devagar escreva
uma primeira letra
escrava
nas imediações
construídas
pelos furacões;
devagar meça
a primeira pássara
bisonha que
riscar
o pano de boca

aberto
sobre os vendavais;
devagar imponha
o pulso
que melhor
souber sangrar
sobre a faca
das marés;
devagar imprima
o primeiro
olhar
sobre o galope molhado
dos animais; devagar
peça mais
e mais e
mais

PSICOGRAFIA

Também eu saio à revelia
e procuro uma síntese nas demoras
cato obsessões com fria têmpera e digo
do coração: não soube e digo
da palavra: não digo (não posso ainda acreditar
na vida) e demito o verso como quem acena
e vivo como quem despede a raiva de ter visto

ARPEJOS

1

Acordei com uma coceira terrível no hímem. Sentei no bidê com um espelhinho e examinei minuciosamente o local. Não surpreendi indícios de moléstia. Meus olhos leigos na certa não percebem que um rouge a mais tem significado a mais. Passei uma pomada branca até que a pele (rugosa e murcha) ficasse brilhante. Com essa murcharam igualmente meus projetos de ir de bicicleta à ponta do Arpoador. O selim poderia reavivar a irritação. Em vez decidi me dedicar à leitura.

2

Ontem na recepção virei inadvertidamente a cabeça contra o beijo de saudação de Antônia. Senti na nuca o bafo do susto. Não havia corno desfazer o engano. Sorrimos o resto da noite. Falo o tempo todo em mim. Não deixo Antônia abrir sua boca de lagarta beijando para sempre o ar. Na saída nos beijamos de acordo, dos dois lados. Aguardo crise aguda de remorsos.

3

A crise parece controlada. Passo dia a recordar o gesto involuntário. Represento a cena ao espelho. Viro o rosto à minha própria imagem sequiosa. Depois me volto, procuro nos olhos dela signos de decepção. Mas Antônia continuaria inexorável. Saio depois de tantos ensaios. O movimento das rodas me desanuvia os tendões duros. Os navios me iluminam. Pedalo de maneira insensata.

ALGAZARRA

a fala dos bichos
é comprida e fácil:
miados soltos
na campina;
águas
hidráulicas
nas pontes;
na cozinha
a hidra espia
medrosas as cabeças;
enguias engolem
sete redes
saturam de lombrigas
o pomar;
no ostracismo
desorganizo
a zooteca
me faço de engolida
na arena molhada do sal
da criação;
o coração só constrói
decapitado
e mesmo então
os urubus
não comparecem;
no picadeiro seco agora
só patos e cardápios
falam ao público

sangrento
de paixões;
da tribuna
os gatos se levantam
e apontam
o risco
dos fogões.

JORNAL ÍNTIMO

à Clara Alvim

30 de junho

Acho uma citação que me preocupa: “Não basta produzir contradições, é preciso explicá-las”. De leve recito o poema até sabê-lo de cor. Célia aparece e me encara com um muxoxo inexplicável.

29 de junho

Voltei a fazer anos. Leio para os convidados trechos do antigo diário. Trocam olhares. Que bela alegriazinha adolescente, exclama o diplomata. Me deitei no chão sem calças. Ouvi a palavra dissipação nos gordos dentes de Célia

27 de junho

Célia sonhou que eu a espancava até quebrar seus dentes. Passei a tarde toda obnublada. Datilografei até sentir

câimbras. Seriam culpas suaves. Binder diz que o diário é um artifício, que não sou sincera porque desejo secretamente que o leiam. Tomo banho de lua.

27 de junho

Nossa primeira relação sexual. Estávamos sóbrios. O obscurecimento me perseguiu outra vez. Não consegui fazer as reclamações devidas. Me sinto em Marienbad junto dele. Perdi meu pente. Recitei a propósito fantasias capilares, descabelos, pêlos subindo pelo pescoço. Quando Binder perguntou do banheiro o que eu dizia respondi “Nada” funebremente.

26 de junho

Célia também deu de criticar meu estilo nas reuniões. Ambíguo e sobrecarregado. Os excessos seriam gratuitos. Binder prefere a hipótese da sedução. Os dois discutem como gatos enquanto rumbas me sacolejam.

25 de junho

Quando acabei Os Jardins dos Caminhos que se Bifurcam uma urticária me atacou o corpo. Comemos pato no almoço. Binder me afaga sempre no lugar errado.

27 de junho

O prurido só passou com a datilografia. Copiei trinta páginas de Escola de Mulheres no original sem errar. Célia

irrompeu pela sala batendo com a língua nos dentes. Célia é uma obsessiva.

28 de junho

Cantei e dancei na chuva. Tivemos uma briga. Binder se recusava a alimentar os corvos. Voltou a mexericar o diário. Escreveu algumas palavras. Recurso mofado e bolorento! Me chama de vadia para baixo. Me levanto com dignidade, subo na pia, faço um escândalo, entupo o ralo com fatias de goiabada.

30 de junho

Célia desceu as escadas de quatro. Insisti no despropósito do ato. Comemos outra vez aquela ave no almoço. Fungo e suspiro antes de deitar. Voltei ao

GERALDO EDUARDO CARNEIRO

BELLADONA, LADY OF THE ROCKS

you can mess with the four heads
without them bringing any maleficence
without them exuding the stinky
of the roots
you can mess with the four heads
and occult them under the blanket
under the tiles
you can squeeze the four heads
and make them spill their thick soup
to give to drink to the strangers
to give to drink to the family
you can dance over the four heads
without them feeling their absence at the Wedding Dinner
without them feeling their absence
after you lock the door
and put a record on the turntable

OLHOS DE RESSACA

minha deusa negra quando anoitece
desce as escadas do apartamento
e procura a estátua no centro da praça
onde faz o ponto provisoriamente

eu fico na cama pensando na vida
e quando me canso abro a janela
enxergando o porto e suas luzes foscas
o meu coração se queixa amargamente
penso na morena do andar de baixo
e no meu destino cego, sufocado
nesse edifício sórdido & sombrio
sempre mal e mal vivendo de favores

e a minha deusa corre os esgotos
essa rede obscura sob as cidades
desde que a noite é noite e o mundo é mundo
senhora das águas dos encanamentos

eu escuto o samba mais dolente & negro
e a luz difusa que vem do inferninho
no primeiro andar do prédio condenado
brilha nos meus tristes olhos de ressaca

e a minha deusa, a pantera do catre
consagrada à fome e à fertilidade
bebe o suor de um marinheiro turco
e às vezes os olhos onde a lua

eu recordo os laços na beira da cama
percorrendo o álbum de fotografias
e não me contendo enquanto me visto
chego à janela e grito pra estátua

se não fosse o espelho que me denuncia
e a obrigação de guerras e batalhas
eu me arvoraria a herói como você, meu caro
pra fazer barulho e preservar os cabarés

JARDIM DAS DELÍCIAS

nesta madrugada de 7 de outubro
não farei previsões de estranhos
no Parque
enquanto caminho nas mesmas aléyas
que guardam traços do seu gesto claro
e a alameda das acácias exala
odores de memória e medo
“I sit and watch the children playing”
você descobre o alarido das crianças
e parece se assustar a cada grito
reverberado nas paredes de granito das
estátuas e você se encanta quando recai
o silêncio sobre as paredes ainda marcadas
de luz e estrelas.

SOBRE A VERDURA

os insetos voavam estranhamente
sobre a verdura e a barraca de peixe
permanecia um momento intocada
em seus reflexos de luz e de prata
e você a ver navios percorria
o tormentoso labirinto da feira
se imaginava um conquistador espanhol
que se perdeu no rumo das Índias
e construiu um castelo à beira-mar
vendedoras vendedoras ficções sonoras
verdes vegetais como se houvesse
uma deusa sonhadora em cada alface
e os dragões cuspiassem fogo em silêncio
emaranhados numa réstia de cebola

A MURALHA DA CHINA

à semelhança
de outras noites
recordar palavras estranhas
de um velho refrão popular
à semelhança
de outros ritos
reconstituir seu ruído
escorpião ao redor da cama
à semelhança
de outros cantos

imaginar estrelas
alimentar os signos da noite
à semelhança
de outras luas
iluminar seu sono
encarcerado atrás de janelas
à semelhança de outros
sonhos
inventar a felicidade
que construímos continuamente
mesmo sem saber
que cada uma de suas muralhas
supõe a seguinte e a anterior

NA BUSCA DO SETE-ESTRELO

(fragmentos)

Na parede úmida
os ratos riscaram geometrias desconhecidas.
Manuel pensou
na transparência dos mortos
à luz do candelabro.
Um espelho
emoldurou a opacidade de caras invisíveis
e uma boca humana
inarticulada na rede amarela.
A sala de velório
era sórdida como um cárcere
de insetos bailarinos

minando fendas oblíquas
na alvenaria.
A noite desabou em sombras
com sua esfera sem claridade
e uma lua precária de perfil incandescente.
A cristaleira do hemisfério.

Palco Simultâneo
De todo o país
mandaram milícias
e tropa volante para buscar
Manuel um pássaro
nas ventas do clarão-cano do mundo
cavaleiro da lua feliz figura.
O gavião-real.
A polícia esquadrinhou as cidades
A volante esquartejou a serra em círculos
como um geômetra.
O governo:
– Seja vivo ou morto.
 e procuraram no céu
 e procuraram no mar
O canindé:
– Soldado vem te buscar.
Mutuns maracanãs aviões.

Trovão aéreo
o céu rachou de pássaros-aeroplanos.

Manuel trocou a lua
por líquida sorte e rumo
O rio.
Um quase córrego
onde Pedro Benedito procurava
o ouro que não mais havia.
Um ribeirão
com vacas submersas e navios
As carrancas
Manuel tocou o sereno
pelo veio seco do acaba-mundo.
Um sabiá político
cantou oferendas e uma canção imemorable.
A barranca solitária
O sonho úmido dos peixes.
As barrancas.

Movimento (2)
Um dragão mecânico
Virou clarão de estanho às luzes da cidade.
Manuel bailou
no espaço da noite sem pássaros
O país da sífilis.
Os fuzis brincaram
em brancas elipses e reflexos circulares.
A sombra reluz da sombra
do fogaréu nas avenidas do povo
O labirinto.
Manuel ficou pedra estátua

nudez angulosa e ritmada
entre paredes e pânico de faróis.
No alto as janelas
com claros anjos decapitados
Cristal de anáguas.
O anjo da morte habita o beiral da casa.

– O pássaro que voa nas queimadas
é mais que pássaro sinal
da terra A terra é urna pedra
doida um fogo nas ventas do
clarão cano do mundo a morte
é líquida – senhor capitão
espada na cinta: ginete na mão.

Depois foi cinza
Nódoa envenenada e mineral
Poeira de estrelas.

/PANO/

JOÃO CARLOS PÁDUA

MANHÃ

Matei o amor logo às primeiras horas da manhã
E o dia suspirou inenarrável;
Caminho agora até o fim da rua
Com idéias negras e vis a me povoar a cabeça:
O terror me acompanha calado.
Postetruras saborosas
Dlendlenam no esguicho da cruz
Um riso raso rasga o rosto de
José Oswald
O que faço agora de meu dia
É a desconstrução do sonho noturno.
O que faço agora de meu dia é de minha absoluta
responsabilidade;
Mas o dia não é bastante para mim;
Não é bastante para o outro.
Tento portanto refazer do arbitrário
Minha dignidade pessoal.

Estou indo e vindo nesse dia
ensolarado de fevereiro de setenta e quatro;
e já não é tanto o calor;
já não é tanto a violência
dos dias urbano/tropicais;

é antes saber-se próximo
a mais um golpe da contra-revolução.

POEMA ABSURDO

Fechou o jornal:
A brasa do cigarro
Ficou intensamente rubra
Junto à janela
O olho do cinzeiro se
Fixou em seus pensamentos
A mão desceu até um pouco mais baixo
A noite começava a se debruçar
Sobre os edifícios

Voltou ao jornal:
Algo sobre uma dançarina de cabaré
Um crime talvez
Um marinheiro bêbado:
Caminha caía ensangüentada

O telefone tocou!
– alô!
– donde falam?
com quem deseja falar?
A voz rouca cuspiu alguns palavrões:
Alexandrino de merda!

O ritual diário
me envenena
me liquida
e por vezes
me lança fora
de órbita como
um planeta louco
em sua rota desconjuntada
pelos ovários dos cosmos

POEMA

Me lembro dos seis retratos de Lenine
sobre o teclado do piano
(ou seriam oito?)
O seresteiro caiu-me em cima
com a sua lábia de ladrão de camelos
(ajeitou os cabelos)
Sorria sempre
na certa pensava em quão ingrata mamãe havia sido

(crápula!)

Cansados da longa e absurda história
Resolvemos num ímpeto despedirmo-nos
/Calma coração
A poesia reclama paciência/

como castelos armados de fortes e fracos e folhas
práticas ou antes de ser negro ou voz ou língua de
fogo e gotas flamantes no céu de aldebarã como ontem
antes de ser assim assado ou curva de discurso que
quebra quebra prateleira prato vazio de sense tão
sonso e arquivo tão lerdo e esguio tão logo o desvio
se faça pendor de águas e porcos no pacaembu como
naquela tarde de chuva no sofá da sala de não-estar
ou

Meus olhos vão beijar o rosto quente da
tarde
ela fala da minha morte
e eu a vejo como se fosse ontem
apenas como se fosse ontem

Teus sonhos são tuas tardes imóveis
são o quadrado dos teus olhos
o cavalo dos teus olhos
são bocas dentro da tarde
janelas para o outro lado
– de dentro de fora –
são mundo

A barca do sol
segue
levando os mortos
ao
paraíso

e

é como outrora canhões
e motor
estrelas bailarinas ao
correr do discurso

e

é apenas onde correr os olhos futuros
sobre os automóveis
apenas desmobilizar o mundo
redecompor
perguntar

para onde foram os caminhões do Kaiser?

A Religiosa Portuguesa exilou-se em fuga pt

Atrás

seguem

os cães

da

SS

ENIGMA

A brasa do cigarro não perturba o teu sono
Nem o resfolegar surdo da cidade
Não perturbam o teu sono o relógio
E os bêbados na rua
Penso em tirar do silêncio
A coragem para não te acordar

KITSCH-AS-KITSCH-CAN

Óflor dolácio in kult y bela
Damala haverei
Hei de bumar meu bode
Portodos os santos
Por todos os modus
Afim de que teu pavilhão
Soletre solto
Soletre lento
LIBERTAD

A REVISÃO DOS MORTOS

(desentranhado d'A *Visão dos Mortos*
de Castro Alves)

*Oh! é preciso inda esperar cem anos.
Cem anos...*

Recife, 8 de dezembro de 1865

Um grito passa despertando os corvos
É a enorme cúpula do calvário
O povo grita
Independência ou Morte!
Soberbo passa o tirano
Que amassa o povo na robusta mão
O povo grita
Aonde a terra que talhamos livre?
São os mesmos mortos poeirentos lívidos
Que o cavalo pisa
O povo grita
O tirano passa
– um rei de bronze na deserta praça –

Rio, 20 de julho de 1974

LUIZ OLAVO FONTES

RELICÁRIO 74

ah vida ingrata
chovem gatos sapatos lagos
há dias
impedem minha ida à praia
remate de males
o verão desaba lerdo
dezembro natal frio como teus lábios
foi-se a namorada
fugiu com um polonês de butique
pra Petrópolis
é vislumbrar a felicidade e
levar a porrada
longo caminho da testa à terra
semana passada atolei no inferno
solidão me esganou
sem mais cartilagem todo morto
telefone pra mamãe combinamos
esquiar na Europa até março
ir a muitas boates
esquecer-te pelo menos lá tenho
Dominique Sanda que me ama

CEGUEIRA

desgarrado rasgo
com meu pistom
a névoa

tenho vontade de ver
as coisas como realmente são
mas só consigo ver
através de meus olhos

SOL

ouvindo
o movimento dos barcos
ondas surdas
garrafas tarrafas
explodindo
à margem

nasce

VALOR

a vinda
valeu a pena

noite janta
a carne viva
dia abre
a boca do tigre
ao longo da cama
gente que joga
e amansa
antes de conhecer a dança

a vinda valeu
a pena

RETRATO

à noite chapadões sombreados
penteiam o esqueleto das margens
o vapor resfolegante expelindo
vagalumes carbonizados
quantas estrelas tanta água
penso no meu amor lendo Drummond
com lentes de contato
nervosa e linda sublinhando adjetivos
treva ambulante
a paisagem se descasca

as mesmas estrelas
as águas que passam
meu radar está quebrado
esqueci a mentira
aclarou-se o mormaço
a noite veste cabelos louros
recém-cortados

MEU AMOR DE SOSLAIO

Faz tanto calor no Rio de Janeiro
que é bom sentir essa neve
partir de seu olhar

SEQÜÊNCIAS

nos encontramos no elevador
depois nos beijamos
descobrimos então que não nos conhecíamos
que éramos do mesmo sexo que
não podíamos nos beijar na boca
não dormi nada essa noite
é dia tenho um almoço curto
demais o verão com seu sovaco peludo
cheirando a ovo
um mistério

LÚCIFER

um dia todos os peixes
puseram a cabeça para fora da lagoa
e me olharam

DESCONSTRUÇÃO

nas paredes da casa resistem
fotofrangalhos de tempo

a memória se estafa no living
o futuro espera no hall
as janelas todas cerradas
encobrimdo as vozes do sol

à procura de um silêncio escuto
enquanto meu olhar foge
pela porta dos fundos

CRIAÇÃO

penso antes do grito
um abraço de locomotivas
o trem
chacoalhando os líquidos
e os óvulos e ovos e
outras químicas

primeiro era só submersão
e uma fome submarina

um dia o espaço faltou
e a bolsa estourou
a vida

FUG 42

Tude a paranóia os assassinos têm me persg
Timamente não sei razão não devo deixar pis
Ercito principmente a insegurança a total fal
Tias polítiquis mínimis no mais nu sem sol
Emos partir viver no exilis

POEMA D'ALBA

virou dia
e o grilo
virou passarinho
tentou dormir
pra não ficar sozinho

ÚLTIMOS SONS DA TARDE

o bairro que vejo em frente é silvestre
a blusa que ela veste organza
os sinos que oiço são de cosme velho
nas axilas del corcovado seu cheiro sexy
a tarde estremece mostrando feridas
desbravaram a mata me tomaram ela
só as andorinhas se equilibram
o sol escapuliu de fininho
trovões batem bastões de entrada
nostálgica a noite assovia
e cumprimenta os ausentes

PROPRIEDADE PRIVADA

não tenho nada comigo
só o medo
e medo não é coisa que se diga

EUDORO AUGUSTO

&

O fio do sonho é apenas um cabelo.
Mas se ele pinta na cabeça
é bom deixá-lo crescer.

FLUÊNCIA

A nuvem mais dorso e anca que rosto

A núvola bufa
arremedos & dedos & damas empinadas
incha Tamoyos hipopótamos Urais

por trás da chuva as pessoas conversam
e confessam apenas sentimentos normais

SANTO ANTÔNIO

Em Santo Antônio correm notícias de Otília
fria
morta com diamantes moídos

ZEFIRIM

Apostou as botas de correr mundo
contra o enrolado novelo dela.
Perdeu.
Mas não se arrepende: vai puxando
o fio da memória a ponta da meada
a vida no maior conforto
enroscado em cobertas Zefirim sem pressa
desdobra o enigma arrepia a alma doce
de Mimi Lãzinha Fofa.

O VISITANTE

Entra de mansinho encosta a porta
sem pressa mas firme fala
farfala deblatera
aperta e solta mas agarra
força a barra
apronta um ouriço
que é isso? que é isso? e sai de fino

CUBA-LIBRE. PAU EM MATEMÁTICA

Um verão outro verão
camisa berrante primeira gilete
bicicleta, goiaba secreta
delícias de matinê rosa
mucosa.

GOSSIPZ

Emilia engordou
Valentina rasga o ventre
com a faca de pão.
Filipa se despenteia
para mais uma noite de pauleira

EXAMES

Na terça chegou assobiando
deu bom-dia
e recebeu de cara a novidade:
esquizofrenia.

RACCONTO

Chegada na festa de olhos vendados
e ninguém se apresenta. Mofamos
no canto calados mas o nariz desperta
(está no ar o perfume do perigo)
muita batida conversa de atropelo
joelho cotovelo
– esse ângulo, amor, é impossível –
poucos reparam na moça porque passa
uma salada, bandeja de palavras raras
com citação clássica em forma de cereja.
Circula a taça, o narguilé, risada fraca
afrouxa o cinto, o colóquio
vira circuito de peitinhos rijos
mas quando se repara já é tarde:
o penetra mordisca o damasco, cospe o caroço
identifica-se. Sou um artista, vou comê-la
e Afrodite quase distraída: por que não?
Eu também sou filha de Zeus.

O PASSAGEIRO DE BAGHANA

Lá onde vais é a tua sorte
é tu
de olhos arregalados:

onde estalam as estrelas
de ver para sempre.

A COMADRE SECA

Chegou de manhã bem cedo
e já são três horas. Foda-se
a delicadeza. Acho que vou sair.

PILEIRA CABOCLA

Puro dengo
sugas do céu azulengo
o sopro que dá musgo à pedra
o sabor que inquieta a língua
esforço apenas respirado.
Mas o vento meu anjo
tem gosto apressado.

A tarde ronrona
na goela do gato.

Passam anos passam dias
enquanto acendo o cigarro.
Passa sombra traço nome
voam aves de vertigem
corre um desejo rosnado.

O sono da gaivota é o seu vôo:
eu durmo e fica acordado.

A DAMA ESCONDE OS SEGREDOS NA MANGA

Alguma coisa terrível
epilepsia pais adotivos falência fraudulenta
meias rasgadas genocídio suinofilia?
explosão de gás na paz doméstica
uma carta aberta nas bodas de prata
(ou foi na lua-de-mel?)
quem sabe trauma banal e ameno
já se fechando em minúsculos pontos
na cicatriz junto à orelha
enigmazinho bem defendido
por quase imperceptíveis movimentos de pálpebra.

HALF THE FUN

Cabelos palmeiras
um monte de palmeiras na praia
e juntas as crianças mijam
as barbas do sol. Amar
pode ser amargo: uma pastilha
contra a acidez mortal do dia

(no meio do caderno há sempre uma linha
que não combina)

obrigado meu bem tuas unhas machucam
a minha carne não esquece
o teu estampado da Jamaica o meu

barco à vela pouco resistem
no horizonte dourado das banhistas
(no meio do beijo há sempre uma língua
que ninguém reconhece).

Ouro nos cabelos. Uma gota de veneno
no vidro de óleo para bronzear.

YOUR/YHER

a widon word
is as good
as a virgin
one

FICAR MALUCO DE BEIJO

Desamarrar as veias feito doido
doido de hospício
nó por nó o coração
beber toda a vidinha de uma vez
viva paixão de sanguessuga
sobrevivida

(tremo-tremor de boca a boca
tateando seu nome guelfamusa
coisa muito maluca
Ay eu amor).

WALY SAILORMOON

LIVROS DE CONTOS

Alma emputecida
Sombra esquisita
Se esquiva
Entre
Laços de Família

JARDIM DE ALÁ

EMBRIAGUEZ/ cesto de caju/ claro de luva/ olor de jasmim/
[teto de estrelas.
Recostado nas almofadas, ouve leitura da ata de reunião da
[célula

Tupinambá guerreiro
Rei da Turquia
Pisa no chão devagar
Que a noite está
que é um dia

EDEN – ARABIE

PICKWICK TEA

(cenas da vida teresopolitana, petropolitana,
friburguense, itaipavense)

A mãe comenta o Inferno de Dante.

A moça quinze anos lê o roman La Chartreuse de
Parma. Fala de Balzac aussi como servindo para descrições
de paisagens e ambientes de baile. Narra as aventuras
pelo impossível de Candide et Zadig. Thomas Mann
na estante. Michelet écolier.

Quand le maitre parle j'écoute/ le sac qui pend a mon
épaule dit que je suis un bon garçon.

CONFETARIA MARSEILLAISE – DOCES E ROCAMBOLES

Caçadas

Experimentados no manejo de armas de fogo 3 filhotes
infantes da burguesia empunham arma/ 1 empunha
revólver/ 2 empunham espingardas. O aéreo esmaga folhas
de eucalipto de encontro ao nariz enquanto de noite
sonhei com um batalhão policial me exigindo
identificação/ revistaram a maloca do fundo do meu
bolso/ mostrei babilaques/ me entreguei descontento
pero calmamente/ nada foi encontrado que incriminasse
o detido no boletim de averiguações depois de
batido, telex pra todas as delegacias.
Vadiagem.

EMÍLIO OU DA EDUCAÇÃO

Garoto
Você é meu
Garoto
Você mora no meu coração
Garoto
Quando tiver condições
Quero morar com você
Garoto.

SELF – PORTRAIT

(fragmentos)

Que idade é mais própria aos meus 26 anos?
Que idade é mais propícia?
Risque da composição os períodos de obscuridade.

Minha língua – mas qual mesmo minha língua, exalta e
iluda ou de reexame e corrompida?
– quer dizer: vou vivendo, bem ou mal,
o fim de minhas medidas; quer dizer:
minha grande paixão é um assunto
sem valor; quer dizer: meu tom de voz
não fala mais grosso.

Espero aprender inglês vendo tv em cores. sou um
pinta de direita com vontade de poder um baiano faminto
baiano é como papel higiênico: tão sempre na merda.

eficácia da linguagem na linha Pound Tsé Tung, sou um reaçã
tento puxar tudo para trás: li retrato do artista quando jo
vem na tradução brasileira.

Paródia caipira.

Corte no papo careca – som: “tou sabendo”

(Edênia e Bizâncio. Os poetas da Bahia que lêem
Plotino e aprendem línguas estranhas. Amor Amor Amor
em que trágico cotidiano tu morrestes)

Les illusions perdues... Educação sofrida...

Tudo isto cheira século dezesseis. Tudo isto cheira
século dezessete.

Tudo isto cheira século dezoito. Tudo isto cheira
século dezenove.

Um título boçal de suplemento provinciano: Signi
ficação Presente do Romance Tradicional.

Um título boçal de suplemento provinciano... Um
texto antigo...

Um deus reparador e vingativo...

Esses selvagens esfarrapados perdidos no fundo
do seu pântano, proporcionavam um espetáculo
bem miserável; mas a sua própria decadência tornava ainda
mais sensível a tenacidade com que tinham preservado
alguns traços do passado, sonho de um ser doente
cansado de bater punheta. nirvanil. confia no Senhor de
todo o coração e não te estribes no teu entendimento.
peguei o come-quieto abri o come-quieto.

Nado neste mar antes que o medo afunde minha cu
ca. órbita ululante: não há nenhuma linguagem

inocente. ou útil. ou melhor: nenhuma linguagem existente é inocente ou útil. nadar na fonte é proibido e perigoso.

Enfraquecer e chupar o sangue da vítima.

Berra o poeta – rei do bode: estou brocha.

Self-portrait. Eu falava mal de todo mundo com minha compoteira de doces caseiros. eu era o mais provinciano dos seres. desses pinchadores de terrível língua. preciso reconhecer um intelectual nordestino antediluviano, não há outra palavra, com problemas homossexuais. um intelectual rançoso ou seja uma casa pernambucobaiana cheia de frutas e águas. vou ficar contente porque sou de uma maldade total e danço por cima de minha foto adolescil. estou travando uma luta titânica contra a hidra de lerna. já não estou me reconhecendo mais neste assunto fedorento bitritropicalista tipo alfininha biscoito de louça romanesca. teve uma hora que eu quase morri de comer manga na praça.

Alguns apanhavam calados. Estes eram poucos. Os outros sempre revidavam, e sempre levavam a pior. A maioria apanhava e reclamava, tendo o cuidado de limitar os seus protestos aos gritos e choros. Mas havia ainda uns tipos especiais, que se haviam feito respeitar de tal maneira, que contavam com a cumplicidade e até com a capangagem de determinados guardas.

– Vou te moer todo, seu paca. Vou te moer todo, e depois vou te servir na bandeja pra todo mundo aqui dentro. munhecaços. o místico da prisão.

Take Kindness for weakness. Quanto à bondade, não passava de uma fraqueza. E a disciplina, de covardia... Um dos guardas armados manobrou o ferrolho do seu fuzil, um sentinela foi derrubado de sua guarita sobre o muro.

EQUILIBRADO E RADICAL. In e Yang. Prosseguir. conservadorismo que abomina Nelson Rodrigues e preserva a mesma face perversa: Nelson Rodrigues pelo menos é cínico e fantástico, fascinistro. idem com killing em nome de coisas reacionárias: rio pornográfica. o fascismo está além mais próximo e aquém, num rio sem margens, num rio de cagaço. não tenho a virtude mesquinha de acreditar nas torturas sofridas por um velho comunista de 70 anos que leva a sério um sonho frustrado de tomada do poder. Não tenho a virtude mesquinha de acreditar nas torturas: os gênios se castram por si. velho. comunista. e mentiroso. nada de novo pode surgir daí. e se por um texto bastante ambíguo eu for chamado pra depor?

Derradeira photo: mágoas de caboclo: estou levando uma vida de sábio santo solitário: acordo ao romper da barra do sol me levanto saio pra passeiar nos arredores ouvindo passarinhos indo até a fonte d'água vendo a cidade do Corcovado cantando pra dentro:

RICARDO G. RAMOS

DETONAÇÃO

Reformador de estruturas
Falou o crítico
Educando
Sobre a ignorância falou o crítico
Ofendido
Armado até os dentes
“É preciso cultivar a divindade
Arrancar do coração o dejetivo
Perdão! “Objeto”

Uma teoria espiritual
Certo, colossal!

E o pobre cavalo de ferro
Não desgasta Zé!
Sociedade anônima dá pé
No bolso do mundo patriarcal
Paisagístico

Nas entranhas metafísicas
A luta em vida dos opostos mortais
A gozar o sexo molhado e reprimido
Lido olhado ouvido esquecido

Esporeado anda... anda...

Desanda...

E anda...

Rumina a forragem escassa
Cagada do alto
Onde as estrelas iluminam
Ofuscam o assalto

Mudança empírica
Retirar o berço da menina de trança
Esplêndido!
Deixa cair o deitado eternamente
Em sono lento

Que parta a espinha
Pra não andar
Dobrar os joelhos
Pra não rezar

Das cinzas faz-se um novo modelo
De sangue pinta-se um quadro:
Uma paisagem continental por exemplo

ODE AO MOTORISTA

Ode é ódio
Choferal é choferal

Motor é choferal
General Severiano é uma rua
Federal segura o volante

Gasolina é choferal
Ina tiro no final
Mata como centopéia

Rata é choferal
Como a fera serena
– Leão de Androcles
Solto na arena

Shall com ica
Retifica o choferal carnaval
– Carne com festival de navio

Chô!
Choferalíssimo franco
Chou ho ou gomorra

Choferal
Filha da puta institucionalizada
Choferal neta da mãe de um deus
Seu choro vela o cheval

Choferal geléia real
Realizada depois da monarquia
De um modo de produção
Do Brasil dos brasões
Com rima tropical e banal

O QUE O OUTRO TEM

Do mais perto que sente
Tem o amor do cão abandonado
Este amigo soltador de pêlos
Pregados no tapete azul

Do mais longe, tem a mãe
Tão preocupada em outra cidade
Que lambe seu sexo à distância
Cultivando a ereção impossível

Tem também como vizinhos
Os que pagam salários
Os que visam pecúlios
Segurando a ditadura
Pra viver & pra morrer

E tem a idéia experimental
Exclusiva do poeta do processo
Estabelecendo o nada de novo
Dourando a propriedade do velho

E tem sua mulher esperando
Que já ganhou carrinho usado
Por isso apodrece o esperma
Para regar a tranqüilidade
Com o mijar do homem bem vestido

MANDALA

(o querer da arte questionado)

Uma cabeça aberta a golpes de estado
Que não dói nem rola se estudada fria
depois do cadafalso francês donde sumiram a escada.

Você!

Limpa de água e complemento – sabonete.
No primeiro dia, depois à falta chamada necessidade,
somente algumas horas deste primeiro dia,
sem a limpeza, secador elétrico, quentura nos
cabelinhos.

Quero um dia apenas do terceiro-futuro.
Em pé feito uma interrogação, ficar diante do voto secreto.

(Quero o corpo abusado)

Poder arriscar a palavra – usar dentro do riscado.
Quer você queira ou não queira trincar o risco.
Numa noite diante de mim
e de todas as imagens que vêm sendo formadas.

Venha você vestida
Venha você vestida com o pano mais difícil de rasgar
Se prepare para um discurso tumultuado de céu claro.
Dali seu corpinho são será molhado para mim mas por mim.
Quero entrar em você, olhos e óculos de alcance
Beijar (linguar) todo seu conhecimento. Lamber
Me entregar à posse de sua autoridade desconhecida
de noviça.

Eu!

Eu ofereço a eternidade de um fato consumado.
Daí o resistir, o resistir por exigência
de uma noite/dia/noite/dia/noite/dia.
Exigir a minha poesia em pedra-sabão.
E olhos cansados de uma maneira inteligente
desde a testa até a estrutura do pezinho.
Violar a criança que sei mulher
com muito amor surpresa e antiguidade.

Espero um assassinato completo:
com juiz, promotor, advogado.
Todos ensangüentados.
Por tudo isso, por nada, exijo pedra sabão
pra lavar e esculpir uma grande dúvida.

PANIS ET CIRCENCIS

Local	– templo dos adeuses
Setor	– cadeira de comércio exterior
Assunto	– café e futebol
Valor	– USSR\$ 193.70
Fatura	– 14.julho.1971

I

Tarde
Cedo demais
Domingo sol
Nem um pingo
Gole
Nada

Na cacex foi decretada
A república som livre
Esporte-cafezinho-importação

Na camarada sexy

Derruba a monarquia!
Queda a bastilha nacional
Basta!

Putsch

Tá assim instituída a democracia
E todo mundo chia na panela fervendo água fria

Fica tamtamtam fica tamtamtam fiiiica
Ficaaa, fiiica, fica, fica, fiiica!

Picas!
Pelé não vai embora
Ora ora
Vai ficar para o bem de todos
Como eu tu ele nos vocifera a fome
Amo amas amat

II

Coroa de ouro sempre se usa
A Inglaterra dos aviões camberra
E os aerófbos raivosos
Da saída fora de foco das televisões

O rei errou? Preferiu desertar
Independência sem a morte
E a outra? A festa presepada parada
Ele lado a lado em tabelinhas
Com o morto real auferido alferes
Genial goal! Dentro de Portugal
Com corda em tudo e todos
(Pegava pra ver o tapete purpúreo
Tecido pelo povo e para o povo)
Ele pele el-gal de pé pedante
Avante! Evoé! Anauê!
Pela direita pelo centro
de líbero pela esquerda mérdia
Chuta com três botinas

Mil tantas travas
Em todo canto do campo de concentração
Bate o tiro esquinado e difícil
Peleja entra duro
Sai mole mole
– De placa mais uma lata

III

Ave Caesar morituri te salutant
O soberano à eminência gramada
(Parto-lhe a cara! Soa Espartaco)

Morte e vida pelerina pelecanga pelerico
Expelida a bÍlis no penico vira eterno
Café educação bule de cachaça
Bulha! Pra todo universo

IV

Em cada estado novo velho
Um estádio na gestação apressada
Cresce niente porém decente

O tesão copular no sexo coletivo
Puro tabagismo concretado e popular

Let's jump sing sola simonal
Burn baby underground
Burn baby doc boy super-herói
(Vae victis)

Pelo que e eu não sei
Rex Cassius Clay ex
Muito mal aí ali
No meu pé de manacá

E o maraca murcha
Murcha marcha de plantadores
Dos conduzentes estranhos canadianos
Dando fogo à queimada pra crescer mais
A folclorida semente de canabrás
Enquanto um timaço de massa
Sem meio campo cabaço continente juiz
Segura os bandeirinhas ataca feliz
E taca bis

v

Olha Ganga! A zumba
Outras palmas palmares
Quilometradas
Escuta, Lumumba! Lundam rumba
Ousam sambar sem tampa
As lousas nas catacumbas

Maracanã canaã
Bumba-meu-boi!

vi

E nem tinha um outro
Era torto e se acabou

Passarinho quis como petiz com sua preta
Negrou medrou e não medou
(à revelia servem antinomia)

VII

História defasada sem telefone
– Love Story for the one
Pelé abolicionista
Apela à vista nas telas
Não está na lista é bondade
“Alô!” – quem fala é sua majestade

(o meio divide a mensagem)

VIII

Burguesia sem azia também some
Como somando indivisível
Bola + cuíca + chão + galão + de + gasolina

TRivial simples na ordem pai mãe espírito santo

(o primeiro bonzinho trivializava)

De bondinho certilho
Virou trem três corações
De quem sem dinheiro expulsa um milho
(como na loteria de Maria)
Milho-bilhão cresceu à beça
Colhido com louros o menino

Viu no campo estrangeiro
A alva rima rosada – rosa rosae rose
Casto Condor! Repare a ressalva
Tu que ficaste sem pé sentindo a dor

De repente sueca
Gelada goleada tropical

IX

Le roi est mort vive le roi!

Um raposeiro ganha a camisa mineira
Um tostão trocado por dez cruzeiros

Obrigado creme crack café!

.....

SSilêncio!
No ar o som de niñar Edson
Que voa com os santos
Mas torcechora pelo Brasil selecionado

EXERCÍCIO DE TIRO

(Do atirador
A volta do que sentiu falta
Da carga pesada pela balança
Assumida na ida e num livro

Previdente pois descalço
O pé do homem na máquina
Aumentou o peso burguês
Sobre tudo sobre todos

E a gravata não é borboleta
Por falta de asa para voar)

Se o sonho acabou
Não posso pensar
No que antes de vir
Chegou atrasado

Se a pedra é pré-histórica
Não me interessa o estudo fóssil

O cu da mãe aguido sentado
Sente a natureza do chão e lava
O poema escrito com areia

Este sim espera paciente a maré
Como todo recital sólido
Diante do sol que o derrete

Pois a poesia é puta de saber
Que sua sombra petrificada
Tem o sal das coisas aproveitadas

Se a pedra portanto
Tem pouco peso e passado
Basta a qualidade da mão em bólide
A esculhambar figuras ótimas
E uniformes:

Faz-se a porrada nos contramestres

Viso eu ao verso conversível
Não aos abraços antropóides
Que acenam como se alvos embaçados
Fossem claros frutos tropicais
Enquanto tiros reais se alojam e ficam

LEOMAR FRÓES

ENSOLARADO DE METRALHADORAS

gelatinas e pudins assim
comunicamos que
de conformidade com o artigo 99
rigorosamente observado
pela gerência desta casa
o cara poeta devia ser maluco uau jogava
dinheiro pela janela e sacudia
a ursa menor no corredor pelado
deitado e ternamente com as pernas
cruzadas docemente na rede de entidades
cascadura dinheiro provoca essas loucuras cascadura
os companheiros são flâmulas laterais
no trem que vai que vai
pronto atravessou o tálamo a doce paz da deusa dos cílios
[industriais
que me mordida o dia e zás
fotografia o corpo que cai
senhoras e senhores eu daria
os rins
minha gravata borboleta de
[cetim
duas lágrimas abóbodas uma
[festa

interminável
de rum e cocacola
em troca
apenas de você
pessoa amanhecer
me demolindo
tão desrespeitosamente
como um hino
atravessado entre os dentes
de um ninho ardente e todo
ensolarado de metralhadoras.

URBANAS

mas muitas criaturas sempre me disseram sabe vida
que eu devia acordar
cedo para dar
milho pras galinhas ou botar
as máquinas maravilhosas
para andar
pra cima do pescoço das pessoas já que era
costume favorito e esporte predileto
aqui na terra
eu ficava
tirando borboletas das gavetas e espiando
as formigas ao invés
de aeroplanos

DESCORDENADA

assim sendo eu vôo aos bêbados & humanos em razão do
[que desejo
solto os cachorros contornos de fogo do cérebro
viajo o verde desgaste das árvores
revejo
atacado & a varejo
na ensolarada abertura lascada dos dedos metálicos o último
reflexo de dor e saudade
bocas gargantas o beijo
e o sonho que vou iscar nas pessoas
pra mim é sempre uma boa
cheirar linguar enxergar invadir
a pele a carne os ossos com um desequilíbrio da ordem
de 2 bilhões de relógios
como no texto azul dos poetas
os nomes não interessam
só as chamas
que vivas vivem na ida e na volta
do vento que der ou bater
no longe corte do peito nas tontas
revoltas da cara
incompleta e qualquer
mudo constante de olhos
botando as unhas de sangue e a língua
apodrecida pra fora
das boas casas do ramo da história.
não disse não disse não diz
e cala

as paredes
as ruas
as casas
pois e
eu também falo pouco
sobrevivo
com muito esforço
e as costelas partidas
da vida no bolso
pois as paredes me trepam
pelas orelhas e pescoço
tiro um tijolo
e vem outro
se aproximando do corpo
com os olhos de luz e sangue ora direis
telefone.

LÁGRIMAS DE BOI OU FALAVERA

às vezes eu fico olhando para o rosto
de qualquer pessoa
com um olho nero em fogo e outro bobo de atenção
de procuração para ver se enxergo as cooperativas vivas
de cada solidão
mesmo se não acho acredito até que cada cara
tem uma tarefa contínua e incessante
com as dores do parto
do instante

então me dá vontade quando agarro uma boca parada
de reclamação
de enfiar os dedos nela só pra ver
se encontro a língua falavera ou para ver se os dentes
mordem
mais e mundo além de alguém também me dá vontade
de beliscar
no ponto de consolo de uns olhos gelados
só pra defiscalizar os nervos de controle e fazer
piscar três vezes uma lágrima
de boi
no matadouro.

IMPRESSÃO APARENTE

entre as cortinas um talho verde e ainda entre as cortinas
ou já
na casa escapulindo das máquinas da tarde pra cima
dos sacrifícios da noite
sonhavas
um gosto doce de folhas na boca e o rosto
de uma pessoa em viagem

com olhos de luz e sangue
você atravessa as nuvens acorda e me telefona
desesperando reclamando que
com vítimas e mil demônios as paredes estão
se movimentando
de madureira pra china
de bonussucesso pra índia
e ainda
fechando as folhas por cima
em trevo de brisa que ria
em seus cabelos agora sua língua
se encolhendo as paredes
se aproximando da boca
unhada inchada
madrugada
bato palmas pra espantar
os fantasmas na calçada
mas você continua
acordada
as retinas exageradas
as paredes se aproximando
você com mil demônios no peito e sem jeito
de enxergar qual a última
folha de ar
e socorro
respira com todas as garras e urgente
dificuldade no rosto
iluminado e nervoso
repara

Na Rua Cândido Mendes
na Lapa ou em Botafogo
jornais jornais e os sempre
cativos lembres de sol
e fogo
assim que brabo os custos pago os preços e atravesso
um subúrbio cachorros outro subúrbio
depois todos
Olaria Madureira Encantado Cascadura
Bangu e Bonsucesso
as cores da zona Sul
os pontos de luz e encontro
na festa azul do comércio
os grandes
edifícios num bode
feíssimo e sujo
toda cidade me deu
ajuda
espantamento e conversa
jogada fora
de indústria além
de umas mazelas nas pernas e um trem
de aço atravessado nas últimas
assombrações populares
o esfrangalhado xale
das nuvens claras
e o deserto dia

do mundo
comigo minha cara metade descontada dos cravos e das
[manchas
solares fantomas sorrindo e crianças
meus lábios
no vídeo minhas grades
de Romeu e Julieta
minhas flores de seda
na valeta
minha noiva de sede e vapor
mexendo ainda a boca e indecente
minha dor
abrindo os pulsos e subindo
sem fé ou melancolia
para o final das estrelas.

ISABEL CÂMARA

DEZENOVE DO OITO DE MIL NOVECENTOS
E SETENTA & QUATRO

Não entendo nada desta janela fechada
que me aperta a culpa
Doer não dói mais,
nem sangra –
Consegui o que queria:
ser despedida, ficar perdida
falida & alone
olhando o papel da Comédia.
Sei que me chamam Bel
Mel de paixão
sugado da boca louca
de onde sangra o coração
e chora a hora
do leito vazio
da falta de peito
do jeito do beijo
fácil, difícil, sutil.

A verdade é que vivo a mil
sonhando a morte em azul-anil

LIGHT-COCK-SONG

só para gênios, tímidos
e alguns porcos chauvinistas
desses que o padre vem me
benzer todo dia, e que quando
não vem ele cá vou eu lá:

Leva este caralho compra-me um maço
de cigarros Continental, umas cem
gramas de alho e o tempero, que te der na cuca.
E se o dinheiro render, um lacinho de fita
de seda ou crepom. Depois, na saída do cinema,
vem cedo pra casa, me leva pra cama, sem se
esquecer que o alho é para um aglio-olio.

FIM (13° VOLUME)

Você me falou
que me mandasse porta afora
Eu vou
Vou com força total
esta porta não é metal
é o nosso mental
transparente
correndo da corrente
que pega gente exigente.
Vou enxugando a alma.

na palma que segura
a espada.
Vou pedindo calma. . .

IH, LÓGICA

Só quem sabe a Idade do Ferro
é a Bigorna que o modifica

EXCLARESENDO

Toda alegria que bate em mim é motivo de certa emoção que assusta. É como o susto me retira de mim mesma feito tivesse cheirado pó de pirlimpimpim, embarco no ato de sentir dor tal e qual um daqueles rapazes ou moças indevidamente apontados pela hipocrisia de “pervertidos sexuais”. (Ninguém perdoa, hein?)

Pois há determinados dias que nem me passa pela cabeça tal idéia e o que me assola mesmo é o prazer dos cinco anos, quando a dor, doendo, ficava no mesmo pé de igualdade com o amor se abrindo.

É então que eu saio por aí de braço dado com a própria sombra e vou sonhar acordada nas portas dos Grupos Escolares (de preferência os públicos) como um tarado qualquer.

Só assim sinto-me pura para um Ato Solitário.

A VERY-IMPORTANT QUESTION

Qual mortal até hoje
pensou um
Unicórnio com medo
de cair-lhe o chi-
frinho da testa?

AFIRMATIVA

Na posição que me encontro
só no sono do barato
na zona franca, ausente
me sinto contente!

HORA SAGRADA

Ti espero.
Sob o travesseiro
a tesoura segura
o Ouro
o Trigo
o abraço ligeiro
de quem tem cheiro
das coisas pagãs
anãs sob o linho fino
o vinho rasteiro.
Faço a feira

vivo beirando a beira
da Orgia
que pia, escorrega,
cortando ligeira
a noite do dia que me alivia.
E aí só cria
meu mundo de fantasia
Agora vê se não chia
Você não é minha tia.

MANHÃ DE FRIO

(Lena meu amor)

Trata-se de uma certa dama
que acorda aflita pelo dia
observando da janela do seu
Disco-Voador
o cinza que se irradia
desde a música –
Romântica e Alemã
até a cor fria da Dor

Quem diante do amor
ousa falar do Inferno?

Quem diante do Inferno
ousa falar do Amor?

Ninguém me ama
ninguém me quer
ninguém me chama de Baudelaire

LENÇÓIS

(Para Esther, da Clínica V. Silva)

Aos domingos se vai ao longe. . .
Lavam-se panos brancos e os
denominamos roupas de cama:
Roupas de baixo
Roupas de cima –
Coisas da Casa
Aos Domingos todos se cansam cedo:
há enlaces matutinos
e muitos hinos.
Aos domingos há missa, música
entreveros. Há quem chore
nalguma hora e há também
possibilidades novas:
Há pares, bares, porres.

Aos domingos semeiam
as lavadeiras
seus azuis/brancos lençóis
lúcidos dos dias de semana.
Para elas lençóis
Prata da Casa
Lençóis louça de Porcelana

MISTURA FINA

Now is just a taste
of how to face
face to face
A faca que ataca
o mal real
de ser leal ao
leite quente, ao banal...

PROBEL/PROBLEMAS

O futuro é uma ciência fodida pelo tempo
O presente é isso aí
O passado é a gavetinha onde a memória brinca
de obra e Arte.

CARTA

Olha eu te desejo
tanto que perdi
o recado.
Nada temo, tremo!
Sou poeta devassa
adorando a tua raça.

Lovely & lonely bird
of my Youth, tell
me how to reach
The South of your Mouth

CHACAL

“SÓ DOS TERRATENIENTES”

não tenho nenhuma observação
a fazer sobre a vista da varanda.
nenhuma,
a não ser o céu largo e iluminado
dos subúrbios do rio de janeiro.
céu q se alonga ao longo do mundo inteiro.
não é de todo mundo a terra q é redonda.

20 ANOS RECOLHIDOS

chegou a hora de amar desesperadamente
apaixonadamente
descontroladamente
chegou a hora de mudar o estilo
de mudar o vestido
chegou atrasada como um trem atrasado
mas que chega

PAPO DE ÍNDIO

Veio uns ômi di saia preta
cheiu di caixinha e pó branco
qui êles disserum qui chamava açucri
Aí êles falaram e nós fechamu a cara
depois êles arrepitirum e nós fechamu o corpo
Aí êles insistiram e nós comemu êles.

Como é bom ser um camaleão

Quando o sol está muito forte, como é bom ser um camaleão e ficar em cima de uma pedra espiando o mundo. Se sinto fome, pego um inseto qualquer com a minha língua comprida. Se o inimigo espreita, me finjo de pedra verde, cinza ou marrom. E, quando de tardinha o sol esfria, dou um rolê por aí.

o poeta que há em mim
não é como o escrivão que há em ti
funcionário autárquico

o profeta que há em mim
não é como a cartomante que há em ti
cigana fulana
o panfleta que há em mim
não é como o jornalista que há em ti
matéria paga

o pateta que há em mim
não é como o esteta que há em ti
cana a la kant

o poeta que há em mim
é como o vôo no homem pressentido

espere baby não desespere
não me venha com propostas tão fora de propósito
não acene com planos mirabolantes mas tão distantes

espere baby não desespere
vamos tomar mais um e falar sobre o mistério da lua vaga
dilan na vitrola dedo nas teclas
canto invento enquanto o vento marasma

espere baby não desespere
temos um quarto uma eletrola uma cartola
vamos puxar um coelho um baralho e um castelo de cartas
vamos viver o tempo esquecido do mago merlin
vamos montar o espelho partido da vida como ela é

espere baby não desespere
a lagoa há de secar
e nós não ficaremos mais a ver navios
e nós não ficaremos mais a roer o fio da vida
e nós não ficaremos mais a temer a asa negra do fim

espere baby não desespere
porque nesse dia soprará o vento da ventura
porque nesse dia chegará a roda da fortuna
porque nesse dia se ouvirá o canto do amor
o meu dedo não mais ferirá o silêncio da noite
com estampidos perdidos.

à deborah

meiufiu

tem um fio de goma
entre o chiclete e eu
recém-mascado
de

tem um fio de carne
entre teu corpo e teu filho
recém-nascido

tem um fio de sangue
entre a Razão e eu
recém-partido

tem um fio de queijo
entre eu e o misto quente
recém-mordido

tem um fio
vida
entre eu e teu corpo
recém-amado

tem um fio de saudade
entre eu e você
recém-passado

tem um fio de luz
entre eu e mim
recém-chegado

uma
palavra
escrita é uma
palavra não dita é uma
palavra maldita é uma palavra
gravada como gravata que é uma palavra
gaiata como goiaba que é uma palavra gostosa

“SANTA TERESA ORA VEJA”

nuance de fragrâncias essa santa tem. tem o lindo olor do lírio e tem o sabor do pecado. ah. . . mulambas subindo encostas. ah . . . encostas, encanto dos encantos. tem também no ar, cheiro de gasolina dos carros, alguns, q passam. mas se cheiro fosse pecado, o mais usado seria o de teresa q, quando viva, usava apenas uma gota de flamingo na sola do pé. teresa, depois de morta, virar santa, é o q mispanta.

PREÇO DA PASSAGEM

(fragmentos)

Nome Orlando Tacapau

Idade Indeterminada no Espaço

Origem: Indefinida no Tempo

Filiação: Alzira Namira Irineu Cafunga

Impressão Digital: Lamentável

Traços Psicológicos: Maleabilidade em relação aos animais sem horário para as refeições alegre ardiloso instantâneo aéreo pássaro instável sujeito integral iluminações avulsas.

Traços Físicos: marca negra na íris

Profissão: qualquer nas horas vagas

Pseudo Alcinha Ornar Malina
Analvaro Inflamável
Maxmidia
Francis Khan
Graça Bandeira
Alcântara Tatu
Décio Esteves Lopes
Lauro Lauro

Sentado e estudantil, Orlando prescrutava o absurdo e o rabo da professora. De repente passos no corredor atrás da porta fechada.

“Serão polícias ou alunos atrasados?”

Takapassou a mulher com giz e abriu a porta.
O homem colado com as orelhas entregando
saiu de banda. Bandeira. Sua suástica caiu
no chão. Orlando viu o lance achou nada
pisou na escada e não apareceu mais por ali.
Pra quê?

não ato
nem desato
desa
r
t
iculo

Entre uma casa e Orlando dá-se o seguinte:

- Venarável cômodo que abriga criaturas tão ligadas
Não temarás ruir diante de vibrações mais fortes,
porventura?
- Adorante embrião, Não fui escolhido por acaso.
Cumpro como você meu destino todo mês.
- Generosa casinha que olha de cima o caminho
Que olha de cima o riacho, que olha de baixo
você, resistirá aos abalos cósmicos até quando?
- Honorável pessoa.
Minha liga. minha viga

Vírgula não faça figa não faça. Fuga.
Nem o fogo afeta a fonte
nem o balanço meu tempo.

– Virgens terras do planeta, qual a hora que tragarás
essa couraça poluída que te esfolta e fere?

– Curiosa criança, continua a viver já que isso
te distrai.

Let it brisa.

Capitaneando a nau capitânea Orlando compartilha
compartimento com diva divina corista-de-revista
orgias a bombordo o litoral aponta farol canhão
lunetas disparates o barco é ferido no nariz e
faz água Orlando dá ordem à desordem embarcando
a tripulação no submarino para casos como esse
no bico do colosso semi-afundado orlandes barriga
encolhida farda de gala assovia o hino da
esquadra e pula
o resto da nau eram bolhas
Rio Maracanã banheira de D. Moema Largo do Boti-
cário praias cariocas o dirigível estaciona nu-
ma sarjeta sórdida de Niterói pegam a barca pro
Rio Orlando asseclas partner desviam a cantare-
ira rumo à Lagoa Rodrigo dos peixes exilados com
falta de ar e área barcarola ancorada os trip-
ulantes raptados são atirados aos tubarões de
mandíbulas os reféns pra trabalhar e a trip trop-
a trota Corte Cantagalo acima abaixo na final vi-

sita cordial ao pequeno canto do céu que ela
veio pra se lembrar

Bunda mole dedo duro tanto treme quanto entrega

As pessoas: “quitauquié utau di Orlando?”

Valdir, o repórter: Senhor Orlando, o senhor
é rípi, estuda ou traba-
lha ou vive de renda?

ele quando quero fazer pinto
quando quero saber mento
quando quero prazer brinco

Valdir: Perdão Senhor Orlando, mas e o
leite das crianças?

Ele de novo A energia dada
pelos quatro elementos
a Terra dá a fruta
o Sol dá a fruta
a água dá o prazer
o ar dá o que pensar

O repórter: Senhores e senhoras telespec-
tadoras, os comerciais.

Ele se despedindo No ponto central
desfigurado
recarrego
às vezes

orlando terça à tarde andava duma esquina
pra outra da avenida Copacabana, na altu-
ra da sé parou e continuou a pensar:
– tudo da minha terra.

e pulou no canto da boca uma satisfação.
– vou falar com a maioria, geral parabéns.
e prosseguiu
Passou por uma valise carregando um
terno tropical trambiqueiro
cumprimentou de sarro:
– investindo, hein?
O cara de pressa nem piscou.
Depois outro:
– vigiando hein?
Mais um:
– traficando, hein?
E outro:
– esculhambando hein?
Ao quinto:
– pregando a moral hein?
Depois do quinto o sexto:
– consumindo hein?
Sétimo:
– Na paquera hein?
quando foi de repente uma pequena tosse che-
ga do lado dele e diz:
– Passeando hein?
orlando olhou e viu apenas uma sombra na es-
quina de 31 de abril ele vai parar e refletir
sobre a falta de imaginação no ar

Estado da Guanabara
Secretaria de Serviços Sociais

eu não quero comprar uma televisão colorida

Orlando viajou de balão
Atravessou vales, rios e mares
Depois desceu. Subiu numa
pedra e disse publicamente:
– Di hoji em dianti soy hóspe-
de do planeta. Por enquanto.
E mandou seu novo endereço
à freguesia

CHARLES

falei torto
fiz cambalhota
ensaiei saltos mortais
e dei saltos menores sem nenhum
perigo
as noites se arrastam e não existe vampiro
os quadros repetidos irritam meu olho
vermelho

como sinto o coração mais forte nas situações
miseráveis
uma casa estranha onde me pergunto que que eu tô
fazendo aqui
onde eu posso dizer qualquer coisa ou pular pela
janela
que seria como se nada tivesse acontecido
ou talvez um ai histérico se juntasse aos gritinhos
da mesa de jogo
e depois de trocado o disco tudo continuaria tranqüilo
e desceria suave como o vinho que se bebe
nada quebra nada
a solidão me pertence mais estupidamente como o anel
da coluna partido

AULA

a luz da lua prateia a planta
um bocejo dentuço engole a noite

STARDUST

passa das duas horas
o sol listra de luz o quarto
esfrego o pé no tapete peludo

tenho duas meias de lã metidas no saco
a janela do ônibus pra pensar

foi uma noite de prazer
debaixo da coberta morena mordida voraz

os dias voam comigo nas asas

metáfora e lirismo considerados ferrugem tetânica
e no cozinha não foi nada

CIRCO ABAFADO

olho tapado no joelho
outro tapeando entre as pernas
conversas caretas de artistas fardados
quadro rasgado no meio da parede
confiança em mim

DIÁRIO DE BAGOS

quando você se abaixa pra pegar um disco
com seu vestido curtinho
delicioso
aparece a calcinha no rego moreno da bunda
curto muito
meu olhar derrete de prazer
não há como enganar a evidência
desculpe o volume do lado esquerdo da calça sem cueca
com tesão não se trinca
antes todos entendessem e se dedicassem de corpo e
cama

obs.: meu pau esquecidamente duro
cai no amolecimento

COLAPSO CONCRETO

vivo agora uma agonia:
quando ando nas calçadas de copacabana
penso sempre que vai cair um troço na minha cabeça

DRAMA FAMILIAR

mais um berro histérico
e mato um

como aparador de grama gemia os braços
enquanto tropeçava devagar no buraco dos dias
alimentava o fogo de cinco anos
fotografia amarela e braços dados pela praia

VIAGEM BESTA

a rede range
range
range
range
nenhum carinho
a cabeça vazia cai no poço
oco

em todo palco preparado
meu papel de improviso não presta

desconfiado afio o fino
e deixo o furo

CRASH CARDÍACO

overdose
pentelhos enroscadinhos na borda da privada

de fora
a mulher batendo sem saber que porta abrir
ou que via tomar

CRIME PASSIONAL

corre e dá a mão a outro
corro e corto a mão dos dois

DELÍRIO DE CACOS

ô abram alas
não tem verdade passageira
o anjo revolucionário bate asas na fumaça do cigarro
bebe vinho tinto
e detesta casinhas sem nenhum ladrilho banguela na
cozinha

nunca viajei de avião
mas muitas vezes estive no ar

um desinteresse marcante
uma marcação latente
uma dor de dente
uma paixão fulminante

BERNARDO VILHENA

Olho pra pílula e penso o que contém além do excipiente químico necessário pra torná-la pílula; quais drogas entram na composição para fazê-la una, em suspensão, droga?

Será para os males do corpo ou do espírito?

Coramina ou adrenalina?

Quem sabe é contra o enjôo das coisas novas transformadas em velhas para serem mais digeríveis? E, às vezes é contra a indigestão causada pelos sapos que nos põem à mesa. Contra a proliferação de nossos entes mortais à burrice, à alienação, ao colonialismo estúpido.

Será realmente uma droga, mortal? Que acaba de vez com a fome dos fodidos? Com a sede do poder?

Por momentos pensei: não será uma droga que liberta os intestinos, aguça os sentidos, endurece os ossos, afia os dentes? Ah! Lá se vai uma hora que a descobri e ainda não atinei porque a encontrei ali. Dentro de um morango, num sundae do Bob's. Olho pra Val e vejo sua cabeça se decompor num sorriso: os cabelos correm ao vento como veios de ouro, os olhos choram lágrimas de riso zombeteiro, que lhe caem no peito como lápis-lazúli. Ao fundo, o mar corre pro infinito e encontra o céu caído no horizonte, torto.

É uma onda.

Alzira passou e disse:
Lá está o Clemente emboscado.
Em busca de não sei o quê.

foi sem querer que ela falou
ela nem tinha pensado
foi sem querer que ela topou
ela nem tinha gostado
foi sem querer que ela matou
ela nunca tinha atirado

VIDA BANDIDA

Chutou a cara do cara caído
traiu o melhor amigo
corrente soco-ínglês e canivete
o jornal não poupou elogios
sangue & porrada na madrugada
É preciso viver malandro
não dá pra se segurar
a cana tá brava a vida tá dura
mas um tiro só não dá pra derrubar
correr com lágrimas nos olhos
não é pra qualquer um
mas o riso corre fácil

quando a grana corre solta
precisa ver os olhos da mina
na subida da barra
aí é só de brincadeira
ainda não inventaram dinheiro
que eu não pudesse ganhar

TELMA

Eu sou o sonho dos homens
a eternidade
Sou a nuvem que passa
a poeira que levanta
a fumaça dos cigarros

Se me quiser vem me pegar no vôo
pra me largar bem rápido

OUVIDO AO ACASO Nº 477

avenida atlântica
interior de um táxi

chofer: padres mortos
famílias destruídas
guerras, milhares de mortos
tudo isso pra vestir o índio
É hoje, é o que se vê.

À SOMBRA DE UM PÉ DE PAU-BRASIL

Acredito no balanço das árvores
que se não induzem, sugerem
leve origem dos ventos
a encher de sons o ar
soprado de respostas às vezes esquecidas
varrendo as mentiras pregadas
em nome da evolução e do progresso
à sombra
à sombra de um pé de Pau-Brasil

TIRA-TEIMA

Tire a faca do peito
e o medo dos olhos
Ponha uns óculos escuros
e saia por aí. Dando bandeira

Tire o nó da garganta
que a palavra corre fácil
sem desculpas nem contornos
Direta: do diafragma ao céu da boca

Tire o trinco da porta
liberte a corrente de ar
Deixe os bons ventos levantarem a poeira
levando o cisco ao olho grande

Tire a sorte na esquina
na primeira cigana ou no velho realejo
Leia o horóscopo e olhe o céu
lembre-se das estrelas e da estrada

Tire o corpo da reta
e o cu da seringa
que malandro é você, rapaz
o lado bom da faca é o cabo

Tire a mulher mais bonita
pra dançar e dance
Dance olhando dentro dos olhos
até que ela morra de vergonha

Tire o revólver e atire
a primeira pedra
a última palavra
a praga e a sorte
a peste, ou o vírus?

O FORTE DE COPACABANA

O teste cooper me intriga
cabeças sob pernas na areia

Brinca o brilho da gota na beira da folha solta; no fio
[que não tem fim;
na poça gota a gota um gosto de água na boca.

LEILA MICCOLIS

PENA DE MORTE

Eram bastante bons
aqueles tempos de ódio,
em que planejávamos nossos assassinatos,
pelo simples prazer de nos vingarmos:
eu te via com os dedos na tomada,
tu me vias sufocada pelo gás.
Tempos em que sorrias ao atravessar a rua,
e eu achava graça em ser atropelada;
tempos em que queríamos fazer um filho
para espancarmos juntos,
nos dias de ócio,
em que eu te servia de escarradeira,
em vez de cozinheira e passadeira.
Depois veio o amor,
que é como um lenço em que se assoa,
ou mãe que chicoteia e nos perdoa.
Hoje afago-te as corcovas
e lustro-te as botas novas.

MODA

Eu queria te ver,
coxas de fora,
(como de fora vejo teus pêlos do peito
pela camisa de seda),
a andares na rua,
entre assobios e apalpadelas,
o olhar disperso
como quem nada percebe,
e mostrando ao sentares,
subindo-te a roupa,
a cueca combinando com a gravata.

ATÉ QUE A MORTE NOS SEPARE

Esqueço meu desejo de vingança,
e a mágoa recalçada esqueço até,
se ponho a te afagar o membro flácido
com as pontas dos artelhos
do meu pé.

EU TE DOU OS MELHORES ANOS DE MINHA VIDA

Coso a alça de um vestido descosido,
enquanto pregas um prego
numa madeira bichada,
dou chiclete a nosso filho

para parar de gritar,
te mostro a casa cheirando
a pinho e desodorante,
me sorris agradecendo.
E certo que não quero recompensa.
Mas te beijo tua boca vomitada
que tem gosto de fome
e de torrada.

SÉTIMO CÉU

Tudo acabado entre nós
Deus é testemunha
que na flor da idade
chorei por ti lágrimas de sangue
e que te amei
com todas as forças do meu ser;
mas a ilusão durou pouco:
a triste realidade dissipou
os meus sonhos e esperança,
assim como o mar desfaz
todo castelo de areia;
com tua perfídia me enganaste;
como um cão vadio me enxotaste;
na rua da amargura me lançaste.
Agora teu olhar me corta
como lâmina fria;
vago como morta viva
sendo a sombra do que fui,

a lembrar de um passado feliz
que não volta mais,
imersa em dor, tormento e padecer,
mas sabendo que este mundo
não comporta o meu sofrer.

TRÊS NÚMEROS DE MÁGICA

O espetáculo começa:
faço sair da cartola
televisão a cores,
automóveis,
e imóveis no Leme
a pagar em 180 prestações.
Depois te serro ao meio no caixão,
para salvar-te a seguir:
surges inteiro e pareces tão ileso
que nem dá para notar a castração.
Por último me cubro – abracadabra! –
e volto aos tempos de menina,
tirando da vagina objetos contundentes
que fizeram a minha vida
e o meu hímem complacentes.

LAÇOS INDISSOLÚVEIS

Refaço nós do capacho:
por um fio me escapas,
por um laço te prendo;
tranço um fio – me queres –
tranço outro – me odeias.
Por diversão lavo o filho até conseguir dar brilho,
 enxagu tua barba de bombril
com mil e uma utilidades,
colho batatas grelhadas
da raiz do teu cabelo
para de noite jantar,
e no fim da noite gozo,
te chupando o calcanhar.

PITADA DE AÇÚCAR

Quero ver onde vai dar teu jogo
de esconder o feto no forno,
o macarrão no banheiro da empregada,
a cerveja na bexiga cheia.
Teu jogo de esconder
o desejado
no sorriso cordial,
e nas festas galantes de sempre.
Esconder tua voz de cio,
teus pêlos enroscados
entre a coxa aberta,
o medo de perder a virgindade
e o teu recato de homem.

ADAUTO

A POMBINHA E O URBANÓIDE

a Roberto Parada

quando haveremos de nos ver pombinha?
quando construiremos a nossa arca para escaparmos do
[dilúvio?
o povo pergunta pelo seu horóscopo e tem as marmitas
[vazias
y eu pergunto por Abbie Hoffman
& por todos aqueles desbundados Q de uma maneira
ou de outra acabaram no hospício o corpo destruído
pela insulina
y eram as cucas mais maravilhosas da minha geração
você brinca nos céus dos meus dias contados
y fita se babando lendo versos de Pound
enquanto eu aos poucos transformo-me num personagem
de Edgar Allan PUM (alguém deu um tiro na cabeça
aqui ao lado...)
quando haveremos de nos ver novamente
Ah! sou um urbanóide circulando pela cidade
a alma mecanicamente dirigida pelos computadores
y pelos tiranos Q por trás dos muros intransponíveis
de suas fortalezas fizeram de minha vida ficção-científica
y fico circulando pelas ruas robotizado
enquanto o povo morre aos meus pés

quando sento para escrever
sinto Q o cordão umbilical ainda não foi cortado Y meus
olhos (botões de vidro?) entram em curto-circuito
e o exterior é uma paisagem estranha
onde está a New-Left, pombinha?
ao café lendo meus poetas preferidos
me pergunto a razão de tudo isso
pombinha, a guerrilha humana ou a anarquia geral
salvariam o povo
mas antes era preciso organizar um imenso carnaval
invocarmos todas as divindades populares
Y botar uma BUMBA-meu-BRECHT na rua
o sufoco acabaria, pombinha
você voaria pelos céus do alumbramento
montada no seu Cavalo-de-Tróia...

...quando a luz do sol vai entrando de novo
dividindo o quarto num tratado de tordesilhas
eu nervoso me olho no espelho
me jogo no sofá me vejo cortado
em duas postas
penso em você anjo louco
na sua força diabólica
maior Q a força do afrika korps
chego ao terraço – vejo o rio de janeiro
estou de saco cheio – olho a babilônia dos pobres
olho a cidade com a maldição dos renegados

com a glória neurótica do anjo exterminador
fumo uma maconha ligo a vitrola
telefone aos amigos
tomo um conhaque toco todos os sambas-canções
Q conheço de Nelson Gonçalves
procuro entender esse dia rompendo
todos os laços de família
querendo Q os insetos
invadam a casa e destruam as mobílias
sinto no lombo
cem anos de solidão
nafragando no negror da babaquice
MASTUDO SE MOVE!...

à Patrice Lumumba

em cada pirado
em cada pivete
em cada malandro
em cada suicida
em cada sub/urbanóide
eu vejo
 todo o
 seu esplendor
escorrendo pelos bueiros
desta
cidade vazia
– meu único congo...

minha poesia não canta nada
– como haveria de cantar? –
berra todo nosso sufoco
como um doido na camisa-de-força.

vem do útero do ânus estuprado
do peito doente
da cirrose do fígado.

minha poesia é o pânico
a quarta dimensão terrível
da vida consumada no porto da barra pesada
das penitenciárias dos hospícios
do pervintin da maconha da cachaça
do povo na rua
– do povo de minha laia.

minha poesia é o hino
dos libertinos
q conspiram na noite dos generais...

o salvador da pátria
foi apedrejado & morto a pauladas
como veado
porque sua roupa

era toda colorida
y beijava na boca
todos os que passavam na rua...

levantou os dedos em V
& enfiou duas vezes a faca
no peito do hippie...

lances assassinator
essa noite acredito
cicatriz sinistra

a mão do estrangulador
acaricia sua garganta

vampiro maníaco-sexual
toca punheta ouvindo Janis Joplin.

moça/pop fode com o mundo
vagina psicotrópica
a lei do VENTRE LIVRE

mais cedo ou mais tarde
ainda prego um tiro de
canhão no ouvido

depois estendam meu corpo
negro como um guarda-chuva
no centro da Avenida Presidente Vargas

as mulheres passarão por cima
os meninos mijarão sobre meu corpo
os homens jogarão cinzas de cigarro

debaixo de mim nascerá
uma cidade
cheia de orixás...

PÓLIS I

decúbito dorsal
duas pistolas 765
(uma em cada mão)
cinco rosas negras de pólvora
tatuadas nas costas...

PÓLIS II

a mão rápida do pivete agarrou a bolsa da velha
a velha teve um troço & caiu babando na rua
rápido o pivete atravessou a Avenida Rio Branco
duas horas depois o rabeção veio buscar a velha
o sol brilhava insistentemente sobre a metrópolis...

PÓLIS III

depoimento do urbanóide:

– depois Q inventaram o metrô nesta
capital, acabaram com os tatus
com o mangue & com os undergrounds
mas os pássaros também cantam na
periferia...

minha avó não sabe Q esse silêncio Q espreita nossas
presenças recua ao mistério dos passos da Guarda Civil
Espanhola

minha cabeça pende para o lado a veia exposta ao
dente invisível Q morde vorazmente meus segredos o
sangue tinge os tapetes corre por debaixo das portas
das escadas ganha o corredor & afoga os Q esperam o
elevador

minha avó traz-me chá & bolachas y os jornais sinto
desejo cabalístico de desvendar a fenda estreita Q une
esse monte de carne & osso cansado & velho y a minha
loucura

minha avó gargalha com ausência de dentes Y eu mais
uma vez descubro em mim o gnomo sem fábulas cor-
rendo pela casa aos berros e bagos balançando procu-
ro em cada canto o beijo da serpente arrependida
(a Guarda Civil Espanhola vasculha nosso porão...)
minha avó se despe sensualmente para ser outra vez
possuída pelo cadáver orgulhoso de meu avô morto na
Guerra do Paraguai...

POSFÁCIO¹

Esta Antologia é certamente datada. Nesta segunda edição, 22 anos depois, procurei evitar qualquer alteração em sua forma original, atendo-me apenas à atualização biobibliográfica das notas finais sobre os autores nela reunidos.

Esse movimento quase instintivo de “tombar” a atmosfera política e cultural daquele momento no qual esse trabalho foi realizado, coloca também como pouco atraente a idéia de escrever uma nova introdução. Preferi registrar um pouco da história e do contexto de realização desse trabalho.

Estávamos no início da década de 70, um momento no qual as universidades, o jornalismo e a produção cultural, à imagem e semelhança do Congresso, entraram em recesso por tempo indeterminado. Da euforia nas artes e nas manifestações políticas, passou-se à disforia que meu amigo Zuenir Ventura, num certo e memorável balanço da década, definiu como o *vazio cultural*. Mas não é essa a história que me cabe contar neste momento.

O que interessa é que, por volta de 1972-1973, surgiu, assim como se fosse do nada, um inesperado número de poetas e de poesia tomando de assalto nossa cena cultural, especialmente aquela freqüentada pelo consumidor

1 – Versão modificada de “Observações: críticas ou nostálgicas?” in *Poesia Sempre*, ano 5, número 8, Rio de Janeiro. Fundação Biblioteca Nacional, 1997.

jovem de cultura, cujo perfil, até então, vinha sendo definido pelo gosto da música, do cinema, dos shows e dos *cartoons*. Esse surto poético, que a cada dia ganhava mais espaço, só podia, portanto, ser visto como uma grande novidade. Além disso, nos anos 60, marcados pela intensidade da vida cultural e política no país, a produção literária, ainda que fecunda, ficara um pouco eclipsada pela força e originalidade dos movimentos artísticos de caráter mais público como o cinema, o teatro, a MPB e as artes plásticas. Tínhamos, portanto, uma dupla novidade: a literatura conquistava um público, em geral avesso à leitura, e conseguia recuperar seu interesse como produto original e mobilizador na área da cultura.

Atraída por essa ostensiva presença da poesia, comecei a me interessar por este fenômeno que, na época, foi batizado com o nome *poesia marginal*, sob protestos de uns e aplausos de outros.

Além de fenômeno quantitativamente intrigante, o exame desta produção sinalizava outros traços curiosos e paradoxais. Era uma poesia aparentemente *light* e bem-humorada, mas cujo tema principal era grave: o *ethos* de uma geração traumatizada pelos limites impostos a sua experiência social e pelo cerceamento de suas possibilidades de expressão e informação através da censura e do estado de exceção institucional no qual o país se encontrava. Ao mesmo tempo, era uma poesia “não-literária”, mas extremamente preocupada com a própria idéia canônica de poesia. Preocupação que se autodenunciava através de uma insistência sintomática em “brincar” com as noções vigentes de qualidade literária, da densidade hermenêutica do

texto poético, da exigência de um leitor qualificado para a justa e plena fruição do poema e seus subtextos.

Além disso, mostrava-se como uma poesia descartável, biodegradável, que parecia minimizar a questão de sua permanência ou até mesmo de sua inserção na tradição literária, mas que desenvolvia, com grande empenho, tecnologias artesanais e mercadológicas surpreendentes para a produção, divulgação e venda de seu produto.

Decidi fazer da poesia marginal meu objeto de pesquisa. Mapeava os núcleos produtores, acompanhava os eventos e lançamentos, recolhia e analisava os livrinhos, os poemas & seus poetas. De repente, meu próprio cotidiano afetivo foi permeado pela presença dos marginais, com a maioria dos quais convivi, desenvolvi trabalhos conjuntos, fiz amizades, cumplicidades e atravessei aqueles “negros verdes anos”, como, mais tarde, escreveria Cacaso.

Deve ter sido por isso que fui procurada por um dos diretores da Labor, recém-chegado ao Brasil, que andava buscando uma novidade para editar como o primeiro lançamento da filial brasileira da conhecida editora espanhola. Juan me sugeriu que organizasse uma antologia com a poesia “*de los hijos de la dictadura*”. Ainda que eu tenha achado, num primeiro momento, uma proposta um tanto institucional para aqueles que exatamente estavam recusando, com êxito, os canais tradicionais das editoras comerciais, fiquei mordida pelo impacto que esta publicação poderia produzir no debate cultural meio morno daquele momento. Aceitei o convite.

Portanto, a idéia desta hoje clássica Antologia infelizmente não foi minha, mas de um comerciante

estrangeiro que viu, naquela poesia rápida e rasteira, um potencial polêmico nada desprezível para uma editora que se lançava num mercado desconhecido.

Chamei Chico Alvim e Cacaso como consultores *ad hoc* para a seleção daquele vastíssimo material que me inundava gavetas, arquivos e tapetes. Tudo certo, chegou a hora que eu mais temia à decisão dos critérios de escolha, ou seja, de inclusão/exclusão de nomes e textos na Antologia. Foi nesse momento que percebi a arbitrariedade da organização de uma antologia, o que, até então, pensava ser uma atividade simples, lógica e quase-burocrática.

Em primeiríssimo lugar, conhecendo o material como eu conhecia, também sabia que um de seus maiores trunfos era um certo ecletismo, uma recusa em se deixar identificar claramente como um “movimento” ou mesmo como uma “tendência”, uma recusa até mesmo de explicitar qualquer projeto estético, comportamental, social. O material de que eu dispunha era vastíssimo. Qual seria o denominador comum que poderia me ditar os contornos do inevitável *critério* que iria orientar a organização deste trabalho que eu tinha pela frente? Sentia-me como se estivesse diante do velho teste *Rochard*. O que Roberto Schwarz teria a ver com Chacal? Zulmira Tavares com Torquato Neto? O que Antonio Carlos Secchin teria a ver com Leila Miccolis? Em vez de responder livremente à provocação do teste que se me apresentava pela frente, procurei, medrosa, reaver alguns parâmetros críticos e teóricos que já tinha no bolso. Argumentei então que, do ponto de vista da linguagem, essa poesia seria uma alternativa à hegemonia das vanguardas, da tradição cabralina

bastante influente naquele momento, e que parecia representar uma retomada do modernismo de 1922. Afirmava isso tomando por base o uso do humor, a invasão dos fatos insólitos e cotidianos no território literário, a presença de uma dicção trabalhadamente informal no olimpo poético, o desejo renitente de aproximar, com um só golpe de linguagem, arte e vida. Fazia um certo sentido. Estávamos ainda em plena era dos formalismos experimentais. O próprio Tropicalismo, movimento anárquico, “popular” e agressivo, portanto, anunciando já um rompimento com a noção de cultura “cult”, foi procurar sua legitimação artística através da vanguarda concretista de São Paulo. Por aí, avessa ao enquadramento formal e valorizando abertamente a distensão coloquial, a poesia marginal na realidade apresentava um certo parentesco – talvez menos estético do que de intenções – com nosso movimento modernista. Parecia que eu tinha descoberto meu álibi. Chico e Cacaso aplaudiram o achado. Hoje, vejo que, nesse desvio nobre, perdi meus melhores argumentos.

O que realmente me atraiu nesse material não foi a unidade que eu dizia procurar ao defini-lo para justificar o conjunto dos participantes da Antologia, mas, muito pelo contrário, o claro direito ao dissenso que este material começava a reivindicar em nossa produção cultural. A variedade de estilos, projetos e crenças que encontrei nesta última releitura dos 26 me encantou. É bem verdade que, na organização deste conjunto, não desgrudei o olho de sua representatividade enquanto registro político naquele momento de extremado rigor da censura. Um exame atual deste material vai ler, com muita facilidade,

em cada poema-piada, em cada rima, em cada “ouvido ao acaso”, um elo da experiência social da geração AI5, uma geração cujo traço distintivo foi exatamente o de ser coibida de narrar sua própria história. Cacaso na época dizia: “Isto não é um movimento literário. É um *poemão*. É como se todos estivéssemos escrevendo o mesmo poema a 1.000 mãos.” Portanto, o que, na realidade, unia aquele sem-número de poetas & poemas era uma aguda sensibilidade para referir – com maior ou menor lucidez, com maior ou menor destreza literária – o dia-a-dia do momento político que viviam. Talvez por isso recusassem, tão acidamente, a qualificação “marginal”, que terminou oficializando sua entrada na literatura.

Com o tempo a gente se esquece do que foi a convivência com um estado de exceção. Mas, ao reler agora a introdução que escrevi na época, o que mais me chamou a atenção foi a total ausência de qualquer menção minha ao quadro histórico que contextualiza esta poesia. Fui, neste sentido, o maior exemplo do exercício pleno e “natural” da autocensura que me levou a omitir, nada mais, nada menos, do que o objetivo central da pesquisa que desenvolvi durante oito anos sobre os subtextos políticos e os desafios interpretativos da aparentemente ingênua e descompromissada poesia marginal.

É interessante lembrar ainda que a Antologia não foi recebida pacificamente. Um pouco, todos se irritaram: imprensa, professores, críticos, poetas. A academia repetia, com uma insistência inexplicável, que “aquilo não era poesia, era um material de interesse apenas *sociológico*”. Hoje, mais distante do calor daquela hora, me pergunto:

o que estaria sendo entendido (dito) ali como “sociológico”? Qual seria a cotação da sociologia em relação à teoria literária, à história e à antropologia na bolsa de valores da crítica dos anos 70? Havia ainda alguns poetas e professores, conhecidos como progressistas, que escreveram acalorados artigos comentando à inadequação do baixo calão do vocabulário usado por aquela poesia. O advento dos marginais conseguiu até acirrar a paroquial disputa Rio-São Paulo, provocando afirmações que denunciavam, na proliferação bem-sucedida dos livrinhos de poesia alternativa – pasmem! – uma manobra da crítica carioca contra o concretismo paulistano. Havia ainda estudiosos de impostação aparentemente marxista que procuraram definir a falta de qualidade desta produção literária como um reflexo da “piora” da própria sociedade, agora inexoravelmente controlada por impulsos consumistas.

Ou seja, essa poesia *ruim, suja e sem qualidade* ocupou um espaço para mim totalmente inesperado na imprensa e nos debates acadêmicos da época de seu lançamento na Antologia *26 Poetas Hoje*. Isso parece demonstrar que talvez essa poesia *ruim* estivesse tocando em necessários pontos obscuros do debate literário ainda em mãos ortodoxamente modernistas. Talvez arranhasse, mesmo de forma incipiente e desorganizada, pontos nevrálgicos que já configuravam as grandes quebras que viriam marcar a inflexão cultural das décadas seguintes. Não diria que a poesia marginal, mesmo sinalizando mudanças paradigmáticas e anunciando-se plural, já estaria anunciando uma inflexão pós-moderna. Seria bobagem. Não encontro traços definidos da arquitetura de citações

e do pensamento minimalista pós-moderno; não vejo o gosto da erudição associando-se aos gêneros populares; não vejo a encenação agressiva da violência ou da sexualidade; não vejo o narrador *outsider* privilegiando a dimensão espacial à temporal; não vejo, sobretudo, a razão cínica comprimindo o futuro no presente. Seria também irresponsável de minha parte repetir a façanha de defini-la como uma reapropriação do modernismo, como fiz na introdução da Antologia, revisitando-a hoje como um antecedente do pós-moderno. Além do que, nestes vinte anos que nos separam de seu lançamento, aprendemos a temer os riscos e traições com os quais a própria idéia de periodização pode nos surpreender.

Prefiro pensar nos 26 *Poetas* como um trabalho irrecusável, visceralmente contextualizado, feito a várias mãos, construindo um *cluster* político-literário que, seguramente, ainda não disse tudo a que veio naqueles idos de 1976.

Rio de Janeiro, novembro de 1998



FRANCISCO ALVIM



CARLOS SALDANHA



ANTONIO CARLOS DE BRITO



ROBERTO SCHWARZ



ZULMIRA RIBEIRO TAVARES



AFONSO HENRIQUES NETO



VERA PEDROSA



JOÃO CARLOS PÁDUA



LUIZ OLAVO FONTES



EUDORO AUGUSTO



WALY SAILORMOON



CHARLES



BERNARDO VILHENA



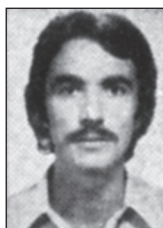
ROBERTO PIVA



TORQUATO NETO



JOSÉ CARLOS CAPINAN



ANTONIO CARLOS SECCHIN



FLÁVIO AGUIAR



ANA CRISTINA CÉSAR



GERALDO EDUARDO CARNEIRO



RICARDO G. RAMOS



LEOMAR FRÓES



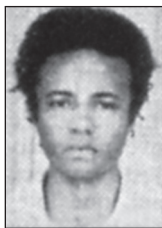
ISABEL CÂMARA



CHACAL



LEILA MICCOLIS



ADAUTO

TODOS OS POETAS

FRANCISCO ALVIM (Chico Alvim) – Nasceu em Araxá, Minas Gerais, em 1938. É diplomata.

Livros publicados: *Sol dos cegos* (1968); *Passatempo* (Rio de Janeiro, 1974); *Dia sim dia não* (Brasília, 1978); *Lago, montanha* (Rio de Janeiro, 1981); *Festa* (Rio de Janeiro, 1981); *Poesia reunida* (1968/1988, São Paulo, 1988).

CARLOS SALDANHA (Zuca Sardan) – “Escreve com pena de urutau. Ostenta várias medalhas. Perdeu grande parte das obras numa mala de crocodilo que fugiu e mergulhou na Lagoa.”

Livros publicados: *Cadeira de bronze* (Rio de Janeiro, 1957), *Aqueles papéis* (Rio de Janeiro, 1975), *Ás de colete* (Washington, 1979), *Visões do barco*, *Bebbé-Gamão* (Rio de Janeiro, 1967), *Olho do coração* (São Paulo, 1993), reedição de *Ás de colete* (São Paulo, 1994), *Almanach esportivo* (1981).

ANTÔNIO CARLOS DE BRITO (Cacaso) – Nasceu no Rio de Janeiro, em 1944. Formado em Filosofia, poeta e compositor.

Livros publicados: *A palavra cerzida* (1967), *Grupo escolar* (1975), *Segunda classe* (1975), *Beijo na boca* (1975), *Mar de mineiro* (1982). Publicações póstumas: *Em ensaio* (1996), *Não quero prosa* (UFRJ/UNICAMP), Críticas. Morreu em 1987.

ROBERTO PIVA – Nasceu em São Paulo, em 1937. Foi professor na rede de ensino público. Atualmente se dedica a dar palestras sobre Xamanismo e outros temas relacionados à poesia. Livros publicados: *Paranóia* (São Paulo, Editora Massao Ohno, 1963), *Piazzas* (São Paulo, Editora Massao Ohno, 1964), *Coxas* (SP Feira de Poesia, 1979), *20 poemas com brócoli* (São Paulo, Editora Massao Ohno/Roswitha Kempf, 1981), *Quizumba* (São Paulo, Editora Global, 1983), *Antologia poética* (Porto Alegre, L&PM, 1985).

TORQUATO NETO – Nasceu em Teresina, Piauí, 1944. Foi repórter, letrista, compôs e escreveu *shows*, assinava a coluna *Geléia Geral* na *Última Hora*. Deixou 17 músicas gravadas. Em 1973 foi lançada *Os últimos dias de paupéria*, sua obra póstuma. Morreu no Rio de Janeiro, em 1972.

JOSÉ CARLOS CAPINAN – Nasceu em Esplanada, Bahia, em 1941. Compositor e letrista de canções, algumas em parceria com Gilberto Gil e Geraldo Azevedo, famosas como *Soy loco por ti, América*; *Viramundo*; *Ponteio*; *Corrida de jangada*; *Miserere nobis Gotham City*, *Cidadão*, *La lune Gorét*.

Livros publicados: *Confissões de Narciso* (1986); *Terra à vista* (1995); *Nas terras doseem fim*; *Balança mas Hai-Kai* (1996). Foi Secretário de Cultura da Bahia em 1986.

ROBERTO SCHWARZ – Nasceu em Viena, Áustria, 1938. Licenciado em Ciências Sociais pela USP, fez pós-graduação em Literatura Comparada nos EUA. Doutorou-se na França em 1976. Professor titular de Literatura Brasileira na Unicamp. Roberto Schwarz é um dos maiores críticos da literatura brasileira.

Livros publicados: *Ao vencedor, as batatas* (ensaio 1977); *A lata de lixo da história* (teatro, 1977); *Que horas são* (ensaios, 1987); *Um mestre na periferia do capitalismo* (ensaio, 1990); *Duas meninas* (ensaio, 1997).

ZULMIRA RIBEIRO TAVARES – Nasceu em 1930, na cidade de São Paulo. Trabalha na área de cultura e realiza pesquisas sobre cinema e televisão. Além de colaborações em livros coletivos nas áreas de ficção e não-ficção, publicou *Termos de Comparação* (Perspectiva, Prêmio Revelação em Literatura da A.P.C.A); *O japonês dos olhos redondos* (Paz e Terra, 1982); *O nome do bispo* (Brasiliense, 1985, Prêmio Mercedes-Benz), *O mandril* (Brasiliense, 1988), *Jóias de família* (1990, Prêmio Jabuti de melhor autor e melhor romance) e *Café pequeno* (Companhia das Letras, 1995).

AFONSO HENRIQUES NETO – Nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 1944. Bacharel em Direito, exerceu a profissão de redator. Atualmente é professor. É poeta convicto.

Livros publicados *O misterioso ladrão de Tenerife* (em co-autoria com Eudoro Augusto, 1972); *Restos & estrelas & fraturas* (1975); *Ossos do paraíso* (1981); *Tudo nenhum* (1985); *Avenida eros* (onde se inclui também o livro *Piano mudo*, 1992) ; *Abismo com violinos* (Editora Massao Ohno, 1995); *Eles devem ter visto o caos* (a ser lançado pela Sette Letras no segundo semestre de 98).

VERA PEDROSA – Nasceu no Rio de Janeiro, 1936. Formada em Filosofia, é diplomata.

Livros publicados *Poemas* (Rio de Janeiro, 1964), *Perspectivas naturais* (Lima, 1978), *De onde voltamos o rio desce* (Lima, 1979).

ANTONIO CARLOS SECCHIN – Nasceu no Rio de Janeiro, em 1952. Formado em Letras. Professor titular de Literatura Brasileira da UFRJ. Atualmente é editor da revista *Poesia Sempre*, da Fundação Biblioteca Nacional. Tem sete livros publicados nas áreas de poesia, ficção e ensaísmo. Seu livro mais recente é *Poesia e Desordem* (Editora Topbooks, 1996).

FLÁVIO AGUIAR – Nasceu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 1947. É professor de Literatura Brasileira na USP desde 1973. Publicou o livro *Sol* (poemas) em 1972, com financiamento próprio, como era o costume. Tem poemas traduzidos e publicados no Canadá, na Itália e na França. Traduziu o livro de poemas *L'homme rapaillé ; (O homem retalhado)*, do poeta quebequense Gastou Mirou, publicado pela Editora Brasiliense em 1994. Recentemente publicou o livro *Outros poemas* na coleção Petit Poa, da Secretaria Municipal de Cultura (1997).

ANA CRISTINA LESAR – Nasceu no Rio de Janeiro, em 1952. Formada em Letras pela PUC-RJ. Tradutora. Colaboradora do *Opinião*.

Livros publicados: *Cenas de abril* e *Correspondência completa* (1979), *Luvas de pelica* e *Literatura não é documento* (1980), *A teus pés* (1983). Publicações póstumas: *Inéditos e dispersos*, organizado por Armando Freitas Filho (1985); *Escritos da Inglaterra*, organizado por Armando Freitas Filho (1988); *Escritos no Rio*, organizado por Armando Freitas Filho (1993).

GERALDO EDUARDO CARNEIRO (Geraldinho Carneiro) – Nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 1952. Autor de teatro, letrista, roteirista de cinema e autor de trabalhos para televisão, entre miniséries e adaptações.

Livros publicados: *Verão vagabundo* (1980), *Vimícios de Moraes, a sala da paixão* (1984), *Piquenique em Xanadu* (1988), *Pandemônio* (1993), Shakespeare, *A Tempestade* (tradução, 1993), *Bandeira cinco mil reais, Folias metafísicas* (1995), *Leblon: crônica dos anos loucos* (Rio Arte, 1996), *Sonhos da infância*, com Carlito Azevedo (tradução).

JOÃO CARLOS PÁDUA – Nasceu no Rio de Janeiro, em 1950. Estudou Letras na PUC-RJ. Livros publicados: *Motor* (1974) e *Paisagem urbana* (1979).

LUIZ OLAVO FONTES – Nasceu no Rio de Janeiro, em 1952. Formado em Economia pela PUC. Atualmente é escritor e roteirista de cinema.

Livros publicados: *Prato feito* (1974), *Segunda classe* (com Antonio Carlos de Brito, 1975), *Último tapa* (1971), *Pelas barbas do profeta* (1984), *Tupis, rubis & abacaxis* (1987), *Ócio do ofício* (1993), *Papéis de viagem* (1993).

EUDORO AUGUSTO – Nasceu em Lisboa, Portugal, em 1943, naturalizado brasileiro em 1953. Realizou trabalho de redação, pesquisa e tradução para editoras. No momento é produtor e programador musical na Rádio Cultura FM do Brasil, produtor de shows musicais e tradutor.

Livros publicados: *O Misterioso ladrão de Tenerife* (com Afonso Henriques Neto) e *A vida alheia*.

WALY SAILORMOON (Waly Salomão) – Editor da emblemática publicação *Navilouca* (junto com Torquato Neto, 1974). Letrista de sucessos como *Mel*, *Vapor barato*, *Talismã*, *Alteza* e *Assaltaram a gramática*, e parceiro de Caetano Veloso, Gilberto Gil, Jards Macalé, João Bosco, Lulu Santos e Adriana Calcanhoto. Organizador de *Alegria, alegria* (textos de Caetano Veloso), *Últimos dias de paupéria* (textos de Torquato Neto) e *Aspiro ao grande labirinto* (textos de Hélio Oiticica).

Livros publicados: *Me segura que eu vou dar um troço* (1971), *Gigolô de bibelô* (1983), *Armarinho de miudezas* (1993), *Algaravias* (1996), prêmio B.N.L. e Jabuti, Hélio Oiticica, *qual é o parangolé?* (1996), entre outros.

RICARDO G. RAMOS (Ricardo Gramos) – Carioca do Jardim Botânico, nasceu em 1942. Até aqui, com o sobrenome G. Ramos, já publicou *Comun y cativo*, *Estado de coisas* e *Sopa de sapato*. Sobre a alteração, diz apenas “meu ponto sempre foi facultativo”. Para breve, Ricardo, doravante Gramos, prepara *Indigno blues*, *A rabbit without a cause e Serpenteostal*, novos estilos poéticos. Tenta organizar, ainda, *O retrato de Wilson Grey*, antologia de seus livros publicados anteriormente, todos esgotados, com os poemas que considera seus *greatest hits* ou, como costuma afirmar, *the beast of me*.

LEOMAR FRÓES – Nasceu em Itaperuna, estado do Rio de Janeiro, em 1937. É jornalista de formação e profissão.

Livros publicados: *Plurais* (1968), *Cassino Atlântico* (1968), *Um rapaz de Cascadura* (contos, 1972) e *Boca rica com pobres dentes de sangue* (poemas, 1974).

Em 1978 sai um poema seu no *Almanaque vitalidade*, da editora Nuvem cigana, e em 1988 sai como verbete no *Dicionário de poetas contemporâneos* da Oficina Letras e Artes. Tem poemas publicados na revista *Arrulhos*, do movimento Arte na Baixada, em 1988.

ISABEL CÂMARA – Nasceu em Três Corações, Minas Gerais, em 1940. Escritora, poeta, dramaturga, atriz. Seu trabalho mais conhecido é a peça *As moças*, que lhe deu o Prêmio Molière de 1971 na categoria de autora. Em 1998 publica *Coisas coió*, pela Editora Sette Letras.

CHACAL (Ricardo de Carvalho Duarte) – Nasceu no Rio de Janeiro, em 1951. É poeta. Entre seus livros publicados estão *Muito prazer, Preço da passagem, América, Drops de abril* (1983), *Comício de tudo* (1986) e *Letra elétrica* (1994), entre outros. Produz o CEP 2000 desde 1990 e editora a revista *O carioca* desde 1996.

CHARLES RONALD DE CARVALHO (Charles) – Nasceu no Rio de Janeiro, 1948. Desde 1983 escreve programas para a TV Globo como *Armação ilimitada, Malhação* e a minissérie *Incidente em Antares*. Livros publicados: *Travessa Bertalha 11, Creme de lua; Perpétuo só corro, Coração de cavalo e Marmota platônica*.

BERNARDO VILHENA – Nasceu no Rio de Janeiro, em 1949. Fundador e editor da revista *Malasartes*. Editor do *Almanaque biotônico vitalidade* da Nuvem cigana e da revista *O carioca*. Nos anos 80 produziu e compôs vários discos de MPB, tendo mais de 150 músicas gravadas.

LEILA MICCOLIS – Nasceu no Rio de Janeiro, 1947. Tem trinta livros editados (poesia e prosa) e várias obras publicadas na França, no México, nos Estados Unidos e em Portugal. É teatróloga, roteirista de cinema e escritora de novelas de TV como *Kananga do Japão; Barriga de aluguel e Mandacaru*. Seu livro mais recente é *Sangue cenográfico* (Editora Blocos, 1997).

ADAUTO DE SOUZA SANTOS (Ras Adauto) – Nascido em 07/12/50, no Rio de Janeiro. Bacharel em Letras pela UFRJ. Poeta, roteirista, ator, multimídia e técnico cinematográfico. Algumas obras: *Konfa & marafona II (urbanóide)* (1975); *Antologia folha de rosto* (poesias, 1976) *Ih, botaram fogo no mato* (1992); *Alô, hallo, Caetano* (1994); *O dia em que encontrei Frida Kahlo na rua* (1998); *A saga de D. Leopoldina do Brasil* (1998).

Composto em Goudy Old Style,
corpo 10 sobre 13. Impresso pela
gráfica Imprinta em papel pólen
soft 80g, em março de 2007.